

INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano V - N. 5 – COGNÓPOLIS – Novembro 2018

ISSN: 2447-293X

Vivendo _{no} Exterior



“Viajologia. A interiorose pode ser combatida através da dromomania. A pessoa precisa começar a viajar. É prioritário se mexer dentro da Geopolítica ou na Geografia para caminhar evolutivamente. Hoje, nem a *Internet*, a TV ou o cinema conseguiram anular a necessidade de a pessoa viajar. *A viagem é insubstituível em termos de abertismo consciencial. Nada melhor do que fazer a autexperiência, quebrar a cara, ver as coisas frontalmente com os olhos, os dedos e os pés, de visu, presencialmente. Tal vivência é superior à imaginação, à literatura e às trucagens infantilizadas da cinematografia. A experiência corrige. A experiência vale mais que a Ciência.*”

(Waldo Vieira, *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*; 2014)

INTERCÂMBIO

Publicação de Experiências Cosmopolitas

Ano V – N. 5 – COGNÓPOLIS – Novembro 2018

SUMÁRIO

EDITORIAL 3

VIVENDO NA ALEMANHA

Claudia Fonseca Bouzazi – Em Casa, na Alemanha 5

VIVENDO NA AUSTRÁLIA

Ana Paula Lage – A Riqueza de se Viver em um Novo País 13

Juliana Nicolau e Igor Cabral – Nada é por Acaso 19

VIVENDO NO BRASIL

Jaclyn Cowen – Evolutionary Growth after moving to Cognopolis 27

Maria Cristina Nievas – Hora da Mudança 37

Mercedes Luinã Martinez – Primeiro fui uma Visitante, Depois Moradora da Cognópolis 45

VIVENDO NA ESPANHA

Malu Lindemann – Viver na Espanha 59

VIVENDO NA FINLÂNDIA

Melanie Messner – Invertor Experience in Finland 63

Expediente

INTERCÂMBIO – Publicação de Experiências Cosmopolitas
Ano V – N. 5 – Cognópolis – Novembro 2018
ISSN 2447-293X

Copyright © 2018 – Intercâmbio Conscienciológico Internacional
Os direitos autorais dessa edição foram graciosamente cedidos
à Epígrafe para comercialização da publicação.

Editora: Kátia Arakaki.

Assessoria editorial: Sebastião Feitosa.

Apoio técnico: João Aurélio, Tony Musskopf, Rosa Nader.

Revisão: Sebastião Feitosa, Kátia Arakaki.

Revisão Inglês: Jeffrey Lloyd.

Capa: Ernani Brito.

Diagramação e comercialização: Epígrafe Editorial e Gráfica Ltda.



INTERCONS
INTERCÂMBIO CONSCIENCIOLOGICO INTERNACIONAL

Instituição sem fins lucrativos voltada à conexão das demandas
internacionais interassistenciais com voluntários especialistas.

Facebook: <https://www.facebook.com/intercons>

E-mail: intercambioconscienciologico@gmail.com

Site: www.interconsglobal.org

EDITORIAL

VIVENDO NO EXTERIOR

Muitas pessoas, desde a infância, têm a intenção de viajar ou viver em outro país e, ao longo da vida, este plano inicial concretiza-se como projeto de vida ou permanece apenas no âmbito da imaginação e do onirismo.

A decisão pessoal de mudar-se e construir a vida no Exterior são frutos da abertura íntima para o novo ou a neofilia, superando vários medos que não têm razão de ser, através do destemor ou coragem, alicerçado em ações bem planejadas e intimamente pacificadas, resultantes do desenvolvimento do potencial humano.

A vida no Exterior é vida de autonomia pessoal.

No mundo globalizado, cada vez mais pessoas estão encontrando suas metas e objetivos existenciais em outros países, de modo voluntário e convicto, aos moldes dos digníssimos autores desta edição da Revista INTERCÂMBIO. Diferentes das migrações forçadas, involuntárias, motivadas por guerras ou perseguições políticas, religiosas ou raciais.

Nesta edição, os autores relatam as experiências pessoais desde o momento de maturação da tomada de decisão até o momento da fixação da residência no país estrangeiro, vivenciando os hábitos e rotinas locais.

Viajar internacionalmente, e mais ainda, fixar residência em país estrangeiro equivale mais do que ler uma biblioteca inteira em termos de vivência, conhecimento e amadurecimento pessoais.

Muitas são as conquistas pessoais de quem enfrenta o desafio de superar os limites geográficos nacionais. A capacidade de solucionar problemas e ocorrências inesperadas faz o migrante *ter confiança no próprio taco*, distante da sua cultura, língua e referenciais seguros, familiares, do país nativo.

A proatividade também é um traço pessoal de quem acaba de mudar-se para outro país, onde a acomodação com a vida rotineira no país de origem deixam de existir, somando-se à adaptabilidade às regras e aos valores diversos até então ainda não vivenciados.

Junto com a expansão do poliglotismo está a vivência do fluxo evolutivo ao despojar-se da zona de conforto anterior, com flexibilidade e autolucidez.

Por fim, quem acolhe outra nação para se viver amplia o conceito de lar, chegando a autoconstatação de ser cidadão do mundo, sem fronteiras, sejam estas físicas ou mentais.

Excelente leitura!

**Que os relatos dos autores instiguem
você, leitor, a vivenciar experiências
assemelhadas!**

Sebastião Feitosa

Assessoria Editorial da INTERCONS

Graduado em Psicologia pela UFC - Universidade Federal do Ceará

Fiscal Sanitário da ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária
na área de inspeção sanitária em Portos, Aeroportos e Fronteiras

EM CASA, NA ALEMANHA

Claudia Fonseca Bouzazi

CHEGADA

Por sugestão de amigos, vim conhecer a Alemanha, chegando na Baviera, em junho de 1989. Desde jovem, tinha intenção de conhecer a Europa. Fiquei com excelente impressão ao chegar na Alemanha: era um lindo dia ensolarado de verão, atravessei de carro de Frankfurt até a encantadora cidade de Coburg, onde morei durante 7 anos. A cidade ainda possui características medievais, com suas ruas, jardins paisagísticos, fontes, castelos e centro histórico, inspiram um passeio. Hoje em dia, é muito visitada não só por sua História, mas também pelo Festival de Samba, realizado todos os verões.



Coburg



Castelo de Coburg

FIXAÇÃO

Após sete anos, mudei-me para Nuremberg, cidade onde o medieval encontra o moderno, com mais de 500 mil habitantes, a segunda maior cidade do estado da Baviera. Nuremberg é uma cidade grande e moderna, apesar de seu estilo pacato e arquitetura medieval. Apesar da enorme destruição da cidade ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial, a maioria das construções medievais foi reconstruída a partir de planos originais existentes desde a Idade Média. Nuremberg é rodeado por uma antiga muralha com uma extensão de 4 km. O renomado pintor da Idade Média, Albrecht Dürer, nasceu e viveu até idade adulta em Nuremberg, sendo sua antiga residência um museu com exposições sobre sua vida.

O centro histórico, com muralha de cinco quilômetros de extensão, possui diversas atrações turísticas, como igrejas, museus, símbolos históricos, construções antigas e um castelo medieval. O castelo imperial Kaiserburg, característico da cidade na época da Idade Média, chama a atenção por localizar-se bem no alto e pela beleza arquitetônica, tendo sido uma das mais importantes residências imperiais da Idade Média.



Casa de Albrecht Dürer



Castelo de Nuremberg

Entre 1805 e 1918, a Baviera era um reinado. Atualmente, é o maior estado da Alemanha. Seus moradores são educados, tolerantes, eficientes e as cidades são bem organizadas.

A maioria das pessoas gosta de viver aqui, pois valoriza a segurança, a ordem, a beleza da paisagem, assim como as tradições e os costumes. Esperamos que continue desse modo no futuro.

Se alguém me perguntar por que vim morar na Alemanha, não saberia dizer, não foi algo planejado, simplesmente foi acontecendo. Quando cheguei aqui, conheci pessoas agradáveis, apreciei bastante conhecer a cidade, aprender melhor o idioma local, observar as diferenças climáticas, culinárias e culturais.

Não tive dificuldade de adaptação, talvez por ter vivido a vida inteira numa cidade grande, no Brasil. Encontrei bastante facilidade aqui, numa cidade de pequeno porte, com apenas 46 mil habitantes.

Antes de vir para a Alemanha, aprendi o alemão básico e, depois de algum tempo, cursei dois semestres de intensivo de alemão na faculdade de Coburg. Não demorei para falar a língua fluentemente, visto que a maioria das pessoas que eu conhecia não falava português.

Uma das coisas que mais me agrada na Alemanha é a natureza: as árvores bem cuidadas e preservadas, mudando de cor de acordo com as estações. Mesmo dentro das cidades, encontramos lindos parques e lagos formosos.



A autora num jardim



Paisagem no inverno

A infraestrutura, os transportes públicos e as rodovias, na Alemanha, estão muito à frente de outros países. Quanto à segurança, quem considera a Alemanha um país perigoso não tem ideia do que é perigo. Dispor da possibilidade de ir sozinha para casa à noite é impensável em muitos lugares. As principais cidades da Alemanha estão entre as mais seguras do mundo.

Os alemães são bem reservados se comparados com os brasileiros, mas são muito gentis, tolerantes com pessoas de outras culturas e costumes. Trabalhar aqui é diferente do Brasil, por ser de uma forma mais independente.

Atualmente, quando vou ao Brasil, percebo o país de modo diferente, principalmente pela maneira das pessoas abordarem a vida e se comportarem.

Tenho muita saudade de quando morava com minha família e desfrutava das delícias brasileiras. Isso aconteceu num período quando havia mais segurança no país, em todos os sentidos. Tive muitos aprendizados vivendo na Europa. Aprendi, sobretudo, a ser mais realista e prática, paciente e tolerante com as diferenças que nos cercam.

Foram muitas as reciclagens de vida que fiz desde que mudei de país. Vivendo sozinha num continente distante, percebemos que somos mais fortes do que imaginávamos e sempre temos muito a aprender com as experiências, mesmo aquelas mais difíceis.

Tive oportunidade de visitar vários países europeus, sentindo-me à vontade em outros ambientes, enxergando de forma positiva e interessante as diferenças observadas. No entanto, ao visitar o norte da África, percebi que nosso planeta é muito diversificado e, ao voltar para a Europa, notei com espanto que os costumes e cultura observados haviam me dado muitos dados para refletir, principalmente, sobre questões relacionadas ao comportamento feminino e à moda ocidental.

Penso que conviver com pessoas de outras culturas nos enriquece muito, não somente pelo novo idioma que aprendemos, mas também pela forma de tratamento, respeito e cordialidade que podemos observar.

A mensagem para quem quer experimentar viver em outro país é a seguinte: estude o idioma do país que pretende visitar, leia sobre os costumes de seus habitantes e se informe de tudo que achar importante, mas não desista, pois é uma viagem maravilhosa que vai mudar sua vida, onde tudo será novo, até você mesma vai se surpreender com aspectos de sua personalidade que ainda estavam encobertos, devido à vida segura na zona de conforto onde se encontrava. Você aprenderá a viver por sua conta própria, uma das habilidades mais valiosas da vida, e saberá o que é importante para você e irá se despedir de tudo aquilo que não for relevante.

Fazer amigos de outras nacionalidades mostrará o quanto você compartilha com o mundo e o quanto você pode aprender com pessoas que são muito diferentes de você.

Como diz o ditado „a grama é sempre verde do outro lado“ - significando que é sempre mais interessante outro lugar do que onde você está. Quando o cotidiano se tornou monótono, muitos anseiam por mudanças.

Você vai se adaptar rapidamente às novas situações, fundamental na vida, assim como a aceitar coisas que não saem como planejado - você tem que aproveitar ao máximo as situações e aprender com elas.

Morar em um país estrangeiro mostrará que pedir ajuda não é difícil e muitas pessoas estarão mais do que dispostas a lhe dar informações.

Enxergando a realidade sob perspectiva diferente ampliará seus horizontes, desenvolverá suas habilidades para a vida que a escola ou emprego em seu país de origem não teriam lhe ensinado. Você vai perceber que, às vezes, algo não dá certo, mas isso o fará mais confiante em resolver problemas. Nada o incomodará depois de sua estada no Exterior.

Você se tornará melhor em saber qual é a melhor decisão e em encontrar novas oportunidades, percebendo o que é importante para você e definindo suas prioridades. Você será mais independente, aberto, sentirá o mundo inteiro como se fosse sua casa, vendo o quão grande você se tornou. Não vai esperar que as coisas aconteçam e viverá mais no momento presente, aprendendo a relaxar.

Quando você mora no Exterior, você não sente mais a pressão de conhecer constantemente novos lugares - você pode aprender coisas novas (em sua nova casa) sem estar constantemente em movimento.

O processo de encontrar seu caminho em torno de sua nova casa ajudará você a se conhecer. Seus valores e motivações podem mudar e você vai passar a se conhecer melhor.

CONCLUSÃO

A vida acontece de verdade quando você sai de sua zona de conforto. É super positivo dar esse passo fora de nosso país de origem, pois só assim percebemos quem realmente somos, tudo o que somos capaz de enfrentar e superar. O convívio com várias pessoas de culturas diferentes só nos enriquece de variadas maneiras.

Sabemos que evoluir é um processo contínuo. É aprendendo que se evolui e os problemas são oportunidades de corrigir atitudes incorretas para essa evolução. Há quase quatro anos, tive a oportunidade de assistir às tertúlias com Dr. Waldo Vieira e, desde então, percebi que a minha vinda para o continente europeu não foi por acaso e que aqui me aguardavam encontros de destino, além de provavelmente ter uma próxis a realizar nesse lugar.

Claudia Fonseca Bouzazi nasceu em Recife, Pernambuco. Reside na Alemanha, desde junho de 1989. É graduada em Psicologia pela FACHO, PE – em Treinamento Autogênico pela Escola de Terapia Alternativa Paracelsus, fundamental à prática da psicoterapia médica. Aprovada como terapeuta clínica pelo Departamento de Saúde de Nuremberg. Pesquisadora da Conscienciologia desde 2014, voluntária da Comunicons desde 2017.



A RIQUEZA DE SE VIVER EM UM NOVO PAÍS

Ana Paula Lage

INTRODUÇÃO

A vida humana nos brinda com uma infinidade de experiências que podem, com o passar do tempo, contribuir com nosso processo evolutivo. Isto é, através da auto e heteroassistência, no burlamento constante do nível da nossa cosmoética, na expansão do nosso senso de universalismo e na melhoria de traços imaturos atávicos que trazemos em nossa personalidade, assim como o fortalecimento de traços já amadurecidos.

Viver em uma cultura diferente de onde nascemos, principalmente falando um novo idioma, é uma excelente oportunidade de reciclagem profunda de vários traços pessoais, assim como do nosso nacionalismo, geocentrismo, etnocentrismo e crenças provincianas quanto a um modo específico de se viver, a respeito de nós mesmos e do outro.

Neste artigo, serão apresentadas observações e ponto de vista pessoal sobre minha experiência evolutiva de viver em 5 países. Pelo fato de já estar morando em Sydney, na Austrália, por mais tempo (16 anos), vou me ater a falar sobre minha experiência vivendo neste país.

Primeiramente, apresentarei observações quanto a alguns aspectos da cultura australiana, seguido das considerações pessoais sobre os aprendizados que desenvolvi, a partir desta experiência a qual fui afortunada de eleger para vivenciar nesta vida.

VIVER OVERSEAS

Viver em outro país é para alguns um sonho, uma curiosidade e para outros não passa de algo sem interesse. Para mim, desde muito nova, a curiosidade de entender a vida mais além da minha, sempre me acompanhou. Via o mundo, como algo a ser explorado, descoberto e vivenciado, foi assim que desenvolvi o interesse por viajar. As viagens eram um universo de descobrimento de novos gostos, sons, histórias, tradições e maneiras de se comportar e pensar diferentes. Uma excelente oportunidade para experimentar as diferenças.

Ao começar a estudar Projeciologia e Conscienciologia, em 1991, este interesse se expandiu ainda mais incorporando um universo novo, e até então não explorado, da multidimensionalidade. Assim, a partir de 1993, comecei a dar aulas de Projeciologia em várias cidades do Brasil. Esta experiência ampliou ainda mais o valor de uma viagem, me dando a oportunidade de experimentar, na prática, a influência da multidimensionalidade nas experiências diárias nos novos lugares. Independentemente de onde estava, esta repercussão se apresentava. As conexões estabelecidas com as consci-

ências extrafísicas dos ambientes, os reencontros de destino, a influência dos holopenses dos locais, a nossa fôrma holopensênica e os efeitos destas no meu comportamento foram me ajudando a ampliar o conceito de lar, amizades, distância e solidão e a reavaliar meus valores e meu sistema de crenças.

Depois de viajar durante alguns anos pelo Brasil, em 1999, recebi um convite para viver em Buenos Aires, na Argentina, e administrar a sede local do IIPC (Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciologia). Logo após, fui para Madrid na Espanha, Londres na Inglaterra, Dunedin na Nova Zelândia e, finalmente, Sydney na Austrália. Ao longo de todo este tempo, trabalhei com a divulgação do corpo de ideias da Conscienciologia, dando aulas e conferências. Além disso, continuei praticando a tenepes - tarefa energética pessoal (desde 1995) e aplicando os princípios conscienciológicos no meu dia a dia.

Um aspecto que observo ainda hoje é que a experiência de viver em um outro país com o objetivo de realizar a atividade interassistencial da tarefa de esclarecimento traz uma gama diferente de experiências, não só devido à proximidade com a equipe extrafísica de amparadores da reurbanização extrafísica, mas também porque a manutenção da vivência direta destas ideias, como a bússola consciencial, ajuda na manutenção do foco experiencial. O que estou fazendo aqui? Quais as experiências do meu passado me trouxeram até aqui? Qual o grupo vou acessar? Quais são os meus credores? O que tenho de retificar, fortalecer e desenvolver?

O nível de profundidade da percepção desta experiência será diretamente proporcional ao nível de autorreciclagem que o experimentador está disposto a realizar.

Vejo que a experiência de viver fora do país de origem não é um privilégio, o que, em geral, pessoas que não viveram a experiência pensam; para mim é uma necessidade evolutiva específica da consciência. Uma necessidade de uma demanda evolutiva íntima e grupal. A oportunidade que criamos ao sair do país onde nascemos, onde estão nossos “entes queridos”, nossa referência cognitiva e emocional desenvolvida nesta vida, nos lança diretamente à oportunidade de reavaliarmos nossas verdades absolutas, nossos valores, nossas fronteiras mentais e nos tornamos mais “nós mesmos”. Perdemos, até certo ponto, os conceitos do comportamento ideal, dos pensamentos formatados pela nossa educação, convivência com amigos e família. Isto contribui para desenvolvermos e reconhecermos não só nossa singularidade consciencial assim como a do outro. Não importa onde vivemos, em qual idioma nos expressamos, somos todos consciências com o direito e a liberdade de evoluir e experimentar a vida da forma que se acha melhor, mesmo que esta não atenda às expectativas alheias. Os únicos responsáveis pela consequência de nossas escolhas e omissões somos nós mesmos.

Isto é algo que aprendi e experimentei aqui, em Sydney, de maneira mais intensa, o valor da liberdade evolutiva consciencial.

SYDNEY, AUSTRÁLIA

A Austrália foi colonizada pela Inglaterra que tornou o país em seu presídio. Foi assim que, entre 1788 e 1868, a Inglaterra enviou para Austrália 166.000 criminais mulheres, crianças e homens. Estes

viajavam em torno de quatro a oito meses para chegar ao seu destino. A maior parte destes criminosos foi enviada para as cidades de Sydney e Hobart. Estes eram “produtos” de uma Inglaterra em crise, com pouca oportunidade de trabalho e diferenças sociais gritantes, onde as condições de vida e saúde eram precárias.

Vir para Austrália era para alguns um exílio e para outros, uma oportunidade de obter uma nova vida. Por 30 anos, muitos destes convictos viveram livres e desfrutaram da oportunidade de aprender um novo ofício e melhorar a própria vida, o que não teria ocorrido se tivessem continuado na Inglaterra. Porém para outros, foi uma experiência de sofrimento e dor, por estar longe do conhecido, dos entes queridos, da pátria amada e das condições que apesar de não serem benéficas eram desejadas.

Ao chegar na Austrália, os ingleses encontraram os aborígenes (indígenas que já viviam neste país por séculos). Como toda relação dos exploradores com os “donos da terra tomada”, os ingleses não conseguiram estabelecer um bom relacionamento com estes indígenas, principalmente pela falta de entendimento da cultura dos mesmos e arrogância de se sentirem superiores. Ainda hoje, se pode perceber que os aborígenes não são totalmente integrados à cultura prevalente.

Na corrida do ouro, chegaram os chineses, depois das duas guerras mundiais, vários imigrantes europeus decidiram construir a vida neste país e, nos últimos anos, imigrantes de outros países da Ásia e América do Sul resolveram fazer o mesmo.

Estas ocorrências contribuíram para que as maiores cidades da Austrália se tornassem, em maior ou menor grau, multiculturais. Penso que por essa razão é um país aberto à chegada dos imigrantes. Claro que, desde que estejam dispostos a se incorporar à cultura, falando o idioma e produzindo.

A melhor condição, e até certo ponto a ideal, é a pessoa chegar sabendo o idioma e, se possível, com uma formação profissional, na qual eventualmente poderá atuar.

Oportunidade de trabalho não falta. Mas vai depender muito da disposição da pessoa de trabalhar para chegar a conquistar o que ela quer. É importante, a pessoa trabalhar seus preconceitos (se é que os tem) quanto ao valor da posição social pois, às vezes, dependendo da situação, a pessoa vai precisar, durante uma fase, trabalhar em uma atividade que para alguns seria uma vergonha como por exemplo, garçom, faxineira, guarda de trânsito, pedreiro, carteiro e outras.

Os australianos são amigáveis, amáveis e têm uma tendência mais voltada à individualidade, traço que colabora na valorização e respeito pela vida privada pessoal e que, em algumas circunstâncias, pode ser interpretado como “frieza”.

Sydney é a maior e mais antiga cidade da Austrália, com uma população caracterizada pela diversidade de 4.92 milhões de habitantes (ano-base: 2016). Reconhecida como uma das cidades mais multiculturais do mundo, 45% das pessoas que vivem em Sydney hoje nasceram fora da Austrália, sendo 4.3% vindos da Inglaterra e 3.5% da China, seguido por outras nacionalidades, gregos, irlandeses, escoceses e de diversos outros países do mundo.

As praias e a variedade de parques e praças com verde abundante fazem de Sydney uma cidade voltada para a vida *outdoors*. Existe uma onda de saúde física a qual facilita à pessoa predisposta o

acesso a uma variedade de alimentos orgânicos, suplementos, assim como a culinária mais saudável. A oferta da medicina ocidental, chinesa e indiana contribui para o acesso a uma abordagem holística da nossa saúde física e mental.

Esta diversidade combinada com a beleza natural da cidade faz deste lugar um oásis de experiências evolutivas para a consciência lúcida.

MULTIDIMENSIONALIDADE

A experiência de viver fora do país de nascimento nos dá a oportunidade de reencontros com pessoas do nosso passado os quais, se não tivéssemos nos movimentado, não ocorreriam. Com maior lucidez, conseguimos perceber o ambiente do trabalho, a cidade onde vivemos, as companhias que reencontramos como um grande palco intrafísico montado para nos possibilitar estes reencontros e as reciclagens íntimas e a reeducação pensênica derivadas desta experiência.

Devido às várias experiências existenciais que tivemos, não penso que acabamos vivendo em um lugar por acaso, coincidência ou apenas sorte. Nosso holopensene determina não só as pessoas as quais atraímos para perto de nós, como também as experiências e os lugares aos quais vamos nos conectando.

Estar em um novo país, na realidade, é uma responsabilidade. Qual a razão de estarmos ali? Quais traços precisamos reciclar em nós para modificar, reformular, a qualidade das conexões estabelecidas com nossos velhos companheiros evolutivos intrafísicos e extrafísicos e conosco mesmos?

Pensando assim, cada experiência pessoal e reencontro que temos toma uma dimensão mais profunda e mais coerente com as premissas da evolução da consciência. Vemos, na prática, que ninguém perde ninguém. Nos reencontramos tanto com os velhos amigos quanto com os nossos “velhos” desafetos, o que nos dá a oportunidade de fazer diferente, agir diferentemente. A cada encontro, traços que até então não se manifestavam tão fortemente vêm à tona exigindo de nós o posicionamento multidimensional de que já não agimos mais assim.

Desse modo, cada situação passa a ser uma excelente oportunidade de decisão e posicionamento, de que mudamos e podemos fazer diferente.

Esta postura íntima vai sendo desenvolvida na medida que deixamos ir nosso sistema de crenças e valores “emprestados” do ambiente de onde viemos, ou seja, nos desreprimimos e vamos retomando nossa real idade consciencial. Saímos do ambiente confortável, conhecido, para nos manifestarmos em outro ambiente, falando um novo idioma, onde apesar do medo precisamos enfrentar a nova situação. Ao nos expressarmos em outro idioma, acessamos nossa holomemória e, ao fazê-la, acessamos nosso ego da época que falávamos aquele idioma em outra vida. Desse modo, acabamos nos reconectando com traços de qualidades e imaturidades que, até aquele momento, não haviam se manifestado de maneira mais ostensiva nesta vida.

O ideal seria que pudéssemos fazer isto sem precisar nos deslocar, mas em nosso nível evolutivo ainda não é possível.

Cada um de nós, no decorrer de nossas vidas, influenciemos direta ou indiretamente a vida de consciências das quais muitas vezes não nos lembramos. Assim como tivemos vitórias e conquistas, também cometemos erros e omissões juntos. Por isso, no nosso nível evolutivo, temos ligações ego-cármicas e grupocármicas a serem resolvidos.

Ao nos comprometermos em alcançar uma vida mais lúcida, produtiva e cosmoética, nos comprometemos a renascer. O objetivo será a retificação das relações grupais e pessoais, por meio da reeducação dos nossos traços imaturos, fortalecimento de traços maduros e aquisição de traços ainda não desenvolvidos, tendo como linha mestra de atuação a interassistência cosmoética.

A partir daí, cada um vai delineando sua vida a qual vai nos levando à necessidade premente de mover-se para encontrar o grupo.

A necessidade de mover-se vem, então, deste compromisso assumido. Vamos voltar aos lugares onde experienciamos estas vitórias e cometemos estes erros, não para repetirmos, mas para imprimir aí uma nova assinatura pensênica. O contato com a nova/velha forma holopensênica vai nos possibilitar a reconexão com as consciências intra e extrafísicas do nosso passado, nos dando a oportunidade de retificar estas relações e de reforçar o nosso exemplo evolutivo. Além disso, nos possibilita o autoenfrentamento de traços imaturos que pensávamos ter superado completamente.

O contato com o holopensene do lugar, assim como com os velhos amigos, funciona como um espelho em que o traço vem à tona e pode se fortalecer ou pode ser reciclado, reeducado e superado. Tudo vai depender do quão sinceros somos conosco e reconhecemos que os ganhos secundários angariados pela manifestação destes traços (muitas vezes multimilenares) já não são interessantes para o nosso percurso evolutivo atual. Além disso, enxergamos a complexidade da nossa manifestação. A autoimagem idealizada que criamos de nós mesmos pode bloquear e criar a distorção cognitiva de nos acharmos os melhores, os “santos”, os maduros, os salvadores, de saber absoluto, e assim por diante. Ao nos permitirmos vivenciar autenticamente estas experiências, nos enfrentamos e descobrimos de maneira profunda que realmente estamos em evolução e que, apesar de já termos traços evolutivos bem desenvolvidos, ainda temos traços imaturos, primitivos, antifraternos os quais precisam ser reconhecidos e reeducados.

Por isso, não é por acaso que vamos para um país e nos conectamos com determinado grupo e temos certas experiências. O definidor da qualificação destas experiências somos nós mesmos, através do nosso holopensene que poderá nos liberar ou nos juntar ainda mais com estes grupos por meio da automimese.

Pensando neste sentido, o “novo” país, o “novo” idioma, os “novos” amigos e companhias vão fazer parte da grande peça teatral do nosso processo evolutivo o qual precisamos reviver, só que agora tendo a interassistência cosmoética como norteadora da nossa bússola consciencial evolutiva, transformando este planeta num educandário evolutivo e não num grande hospital.

Desse modo, para algumas pessoas é necessária essa movimentação e contato mais prolongado com determinadas culturas. Viver em um novo lugar não é semelhante a fazer turismo. O nível de qualificação e profundidade da experiência aumenta à medida que passamos mais tempo no lugar.

CONCLUSÃO

Ao mantermos a lucidez quanto às nossas conexões energéticas estabelecidas com as consciências físicas e extrafísicas mudamos o nosso conceito de distância e solidão. Não importa onde estamos, vamos reencontrar a nossa “turma”, aquela com a qual necessitamos fazer reajustes.

Usando o bom senso, com suavidade, cuidado e respeito ao outro, vamos nos reconectando com estes velhos amigos e resgatando nossa relação. A cosmoética nos aproxima das consciências e nos dá a oportunidade de reconhecer as diferenças com respeito e sabedoria.

Ao mesmo tempo que expandimos os limites de ação e desenvolvimento que nos impusemos, consciente ou inconscientemente, ao nos deparamos com esta nova vida, precisamos “arregaçar as mangas” e fazer as coisas acontecerem, apesar do medo do fracasso, de não dar conta, da solidão e de cometer erros, enfim traços que nos travam e nos arremetem ao conhecido, ao confortável, ao familiar. A nossa resiliência, autoconfiança, proatividade são testadas a cada dia. A ansiedade do imediatismo dá lugar a certeza de que nada melhor que o tempo e a ação contínua para alcançarmos nossas vitórias diárias.

Por estas razões, a experiência de *expat* é única no nosso processo evolutivo. Um verdadeiro teste intrafísico em relação ao nosso nível de autossuficiência evolutiva relativa, de autenticidade, individualidade evolutiva, autoliderança e nossa capacidade de viver com nós mesmos e com as diferenças respeitando e compreendendo-as. Um excelente experimento evolutivo acessível a qualquer interessado.

BIBLIOGRAFIA:

- ARAKAKI, Katia; *Viagens Internacionais: o nomadismo da Conscienciologia*. Editares, Foz do Iguaçu, 2005.
- BOYCE, James; *Van Diemen's land*. 2 ed. Black Inc. Australia, 2013.
- HIRSCHBERG, Stuart; HIRACHBERG Terry; *One world, many cultures*. 6th ed. Person Education, Inc, USA, 2006.
- LAGE, Ana Paula; LLOYD Jeffrey; A docência Conscienciológica atuando em Diferentes Culturas. Proceedings of the 3rd Consciential Education meeting, Journal of conscienciology, Vol.7, No 28 Supplement, Curitiba, 2005.
- SHIRAEV, Eric; LEVY, David; *Cross-Cultural Psychology: Critical Thinking and Contemporary Applications*. 3rd ed. USA, 2004.
- STORTI, Craig; *Figuring Foreigners Out: a practical guide*. Intercultural Press, a Nicholas Brealey Publishing Company, USA, 1999.
- SWARTZ, David; *Culture and power: the sociology of Pierre Bourdieu*. The university of Chicago, Chicago, 1997.
- VIEIRA, Waldo; *Léxico de Ortopensatas*. Editares, Foz do Iguaçu, 2014.
- WARD, Colleen; BOCHNER, Stephen; FURNHAM, Adrian; *The Psychology of Culture Shock*. 2 ed. New York, Taylor & Francis Inc, 2003.

Ana Paula Lage é graduada em Psicologia, especialista em Psicologia Positiva e mestranda em Psicogerontologia, com ampla experiência profissional em Gerenciamento de Pessoal.

NADA É POR ACASO

Juliana Nicolau e Igor Cabral

INÍCIO

Vontade. Após começar a fazer viagem internacional a turismo, Igor despertou uma vontade de ter experiência profissional fora do Brasil. Não era um simples desejo, era uma necessidade real. Muitas pessoas achavam que era apenas uma vontade de viajar e para Igor era muito claro que era parte de sua proéxis.

CEAEC. Já a Juliana não tinha esse desejo e, pelo contrário, ela queria continuar morando em Foz do Iguaçu, para viver próximo da Cognópolis.

Paciência. Igor teve que ser paciente e dar o tempo para que Juliana compreendesse sua necessidade e também fizesse o que ela sentia que tinha que fazer em Foz do Iguaçu.

Conversa. Tivemos muitas conversas entre nós e também com outras pessoas que já haviam morado fora do Brasil.

Diferenças. Foi identificado que na dupla evolutiva é necessário dar o tempo para o outro também. Conversar e explicar a necessidade que cada um tem, pois as pessoas são diferentes e têm necessidades diferentes.

Paciência. Muitas vezes, a falta de paciência e a ansiedade do outro podem acabar atrapalhando o relacionamento.

Intercâmbio. Com o tempo, nós entendemos a importância de ter uma experiência fora do país e resolvemos começar por um intercâmbio. Imaginávamos que o intercâmbio poderia dar uma vivência mais real do que apenas as viagens turísticas.

Trabalho. Igor trabalhava a distância, com isso, poderia trabalhar de qualquer lugar que tivesse computador e Internet. Juliana saiu de seu trabalho, pois sentiu que era a hora de seguir com a experiência internacional.

Abertismo. Não estipulamos um tempo exato e planejamos ficar alguns meses fora, porém estávamos abertos aos “fatos orientarem as pesquisas”.

EUA. A princípio, tudo se organizou para irmos para os Estados Unidos, Miami, especificamente. Igor fez uma viagem com um amigo, visitou escola, lugar para morar, porém ao voltar as coisas se reconfiguraram e Londres se tornou o novo destino.

Londres. Foi tudo muito rápido e muitas sincronicidades indicavam Londres. Por exemplo, no dia que compraríamos as passagens ocorreram os seguintes fatos: fomos à Tertúlia Conscienciológica e o Professor Waldo estava falando de Londres; encontramos amigos que tinham acabado de chegar de Londres; ligamos a TV e passava uma reportagem sobre Londres; fomos na agência de viagem e a mulher nos ofereceu um pacote para Londres; além das repercussões energéticas e do interesse dos dois de conhecerem este local e os arredores.

Experiência. Em duas semanas, estávamos em Londres. Estudamos inglês e tivemos a primeira e rápida experiência de intercâmbio.

Viagens. Passeamos por Londres, algumas cidades da Inglaterra e viajamos para países próximos, como Escócia, Alemanha, França, Bélgica, Mônaco e Holanda.

Sincronicidade. Tudo foi muito sincrônico. As pessoas que conhecemos, os lugares onde estivemos, tudo parecia conhecido. Muitas repercussões energéticas, muito material de pesquisa, porém sentíamos que as coisas não caminhavam para morarmos por lá. Parecia ser realmente uma viagem muito interessante, embora rápida.

Posicionamento. E nós sempre estávamos posicionados de não querer forçar as coisas acontecerem.

Norte. Algo que sempre nos norteava o princípio: “OS FATOS ORIENTAM AS PESQUISAS”.

Volta. Igor enviava currículo, porém não tivemos nenhuma entrevista profissional. Eis que, em 2 meses (antes do previsto), voltamos para o Brasil.

Brasil. Com a cabeça muito mais aberta e com mais autoconfiança, a viagem foi uma experiência e tanto. Pensamos: - Vamos seguir a vida no Brasil.

Identificação. Juliana achando que esta viagem já seria suficiente para Igor, identificou que agora era que Igor gostaria de ter uma experiência no Exterior de longo prazo e na área profissional.

Trabalho. No dia seguinte que chegamos no Brasil, Igor foi desligado do trabalho remoto e recebeu também uma ligação para entrevista de trabalho na Austrália. Ele foi avisado que o processo para avaliação era feito em diversas entrevistas, com vários setores da empresa.

Mundo. Paralelamente, Igor enviava currículo para o mundo todo praticamente. Ele realmente queria ter sua experiência internacional e não estava necessariamente focando em um país específico.

Próximo. Fez diversas entrevistas, não passou em muitas delas, por diversos motivos, mas ao invés de ficar chateado com os retornos negativos, ele se sentia aprendendo e estando mais próximo de sua meta.

Pesquisas. Juliana seguia com suas pesquisas para compreender seus processos parapsíquicos, voluntariado e estudos.

AUSTRÁLIA

Aprovado. Eis que 2 meses depois, a empresa australiana entra em contato comunicando que Igor tinha sido aprovado para trabalhar em um projeto na cidade de Brisbane, na Austrália.

Consenso. Apesar de uma certa insegurança, sentíamos que estávamos prontos naquele momento. Não foi fácil, mas em consenso decidimos fazer a experiência por 6 (seis) meses.

Apartamento. Deixamos nossos pertences no apartamento, como se realmente fôssemos voltar em poucos meses.

Significado. A Austrália tinha um significado para Juliana. Era um país que ela tinha vontade de conhecer quando adolescente, pois sempre chamou sua atenção, mesmo sem saber o motivo exato.

Visto. As papeladas do visto caminharam e fomos para Austrália.

Atenção. Entre tantos países que já tínhamos ido, nenhum havia chamado tanta nossa atenção. O mais interessante foi o primeiro dia que saímos na rua. Era uma alegria e uma paz ao mesmo tempo e uma sensação de se sentir em casa. Sensação de estar onde teria que estar e que teria algo a ser feito.



O primeiro dia na praia



Caminhando por Brisbane

Conhecido. Foi um reconhecimento, apesar de tudo ser diferente, como o idioma, cultura, pessoas, tudo era muito conhecido.

Sensação. Sentíamos que não seria fácil e realmente não foi. No entanto, a sensação era de que passaríamos uma temporada para realizar algo, mas não fazíamos a menor ideia do que era de fato.

Dificuldades. Muitas coisas aconteceram, desde termos dificuldade de compreensão do cardápio do restaurante como até mesmo ter de passar por uma cirurgia pouco tempo depois da nossa chegada.

Misto. Era um misto de alegria e insegurança. Tudo era diferente. Tivemos a sensação como se tivéssemos nascido novamente. Tínhamos que aprender a falar (outro idioma), escrever, modo de se portar (brasileiros se tocam demais), as regras de como alugar um apartamento, pagamento de contas, abertura de conta em banco, atividades básicas do dia a dia davam um desgaste energético que não parecia ser tão difícil quando as pessoas falavam sobre morar fora.

Boa. Muita gente fala só a parte boa, a parte de conhecer pessoas, outras culturas, comidas, mas pouca gente fala das dificuldades que vivenciam.

Redes. Nas redes sociais, só se vê pessoas postando fotos sorrindo nas viagens e muito se engana quando se pensa que é só alegria.

Novidades. Em dias que estamos bem, lúcidos e animados para as novidades é divertido ver as diferenças na maneira de trabalhar, as regras trabalhistas, a comida, o tempero ou a falta de tempero, o horário do almoço diferente, o sotaque, as regras de trânsito, a direção na mão direita e entre tantos outros exemplos.

Países. Até mesmo os choques culturais de tantas culturas misturadas. Conhecer pessoas de países que até então nunca tínhamos ouvido falar.

Costume. Porém, tem dia que não é tão divertido ir no mercado e ficar meio perdido, acabar comprando comidas e não gostar por ter um sabor diferente do de costume. Ficar fazendo conversão monetária e achar tudo muito caro. O fuso horário complicando a comunicação com o Brasil e a necessidade de estarmos atentos para absorver o máximo e o mais rápido possível.

Domínio. Isto tudo demonstra que a pessoa precisa ter um mínimo de domínio emocional e energético. A experiência é maravilhosa, mas é longe de ser fácil.

VALORES

Pré-Intermissiologia. Algo que nos chamou muita atenção foi sentir como se estivéssemos na pré-intermissiologia.

Conversa. Estávamos longe de tudo e todos e estávamos acostumados a sempre ter alguém próximo para conversar, trocar ideias, pensar junto em solução para as questões do dia a dia.



O primeiro passeio de barco no Brisbane River

Explicação. Conversávamos por telefone ou Internet, e foi muito valioso para muitas questões, porém com o tempo vimos que dependendo do que estávamos passando, era difícil até de explicar.

Melhor. Então, entendemos que tínhamos de usar nossos conhecimentos, as técnicas e tomarmos as decisões por conta e risco e perante cada demanda fazer o melhor que pudéssemos.

Tentar. Podíamos errar ou acertar, mas tínhamos de tentar.

Valores. Vimos que estar longe de tudo e todos muitas vezes podia dificultar permanecer com os valores pessoais.

Carência. Vimos pessoas que tinham seus valores, porém em determinados momentos se perderam. A carência é grande por estar longe de familiares, dos amigos e das referências culturais.

Mudança. Pessoas que viajaram focadas em estudar e adquirir sua cidadania por esforço próprio e, depois, estavam querendo se casar com alguém com cidadania para facilitar o visto. Pessoas que não queriam ter filhos, por motivos de focar na evolução e poder ajudar mais gente possível, e mudarem de

ideia porque estavam se sentindo muito solitárias e o filho tamparia o vazio. Pessoas que trabalhavam para uma empresa, não concordavam com a maneira do trabalho, porém não podiam falar nada para não perder o emprego. Pessoas que não bebiam, nem usavam drogas, todavia se perderam.

Referencial. Vimos muita gente boa, contudo foram perdendo o referencial. Encontramos muita gente que viajou para tentar se encontrar.

Frustração. Vimos pessoas que mudaram de país, como se somente essa mudança física fosse suficiente para as reciclagens existenciais. E depois, ficaram frustradas por identificarem que as crises vão junto para onde formos. Viajar ajuda, mas não resolve.



O primeiro contato com um canguru

Posicionamento. Vimos que não podíamos abrir mão de nossos valores e, em momentos difíceis, tivemos que nos posicionar e ficar hígidos ou pelo menos dar o melhor de nós.

Paz. E hoje (Data-base: abril de 2017), após mais de dois anos morando na Austrália, olhamos para trás com muita gratidão por tanta coisa que foi superada, ultrapassada e, às vezes, pode ser que esta conquista não possa ser contabilizada com um certificado ou diploma, mas internamente sentimos a diferença, a autoconfiança adquirida e a paz íntima de termos feito o melhor que conseguimos dentro do nosso nível evolutivo.

Força. Muitas vezes, pode se pensar que não se tem forças, no entanto, às vezes, não se sabe da própria capacidade e podemos nos surpreender.

PROÉXIS

Proéxis. Pode se pensar que a proéxis é algo grande e distante. Mas, a proéxis é realizada diariamente. Pequenas ações podem ter efeitos grandiosos.

Lucidez. Nós tentamos manter a maior lucidez possível para identificar o porquê de estarmos na Austrália. Sentimos que estamos por algum motivo, não estamos de férias, não é por acaso e não quer dizer que seja para sempre. As pessoas do convívio, os fatos que aparecem, as sincronicidades, os sinais do dia a dia, tentamos estar o mais atentos dentro do possível e mais conectados aos amparadores.

Proveito. Buscamos colocar em prática muito do que aprendemos na Conscienciologia, nos cursos, lendo livros, ou até mesmo tentando resgatar ideias do Curso Intermissivo. Lembrando, o que temos é o aqui e agora, seja na Austrália, nas ruas de São Paulo, ou em Foz do Iguaçu. Existe um motivo para estarmos onde estivermos e precisamos estar cada dia mais lúcidos para tirarmos o melhor proveito da situação. Fazendo assistência e aprendendo tudo aquilo que pudermos.

Teática. Lembrando que a assistência pode ser dando exemplo, não necessariamente a assistência necessita ser falada. E foi percebido que, em outras culturas, o exemplo de como lidamos com as circunstâncias, chama muito atenção.

Lucidez. Nós percebemos que aprender a conviver com outras culturas, aprender a viver em locais diferentes do nosso costume, pode contribuir muito para estarmos mais disponíveis, abertos e preparados para estarmos onde for necessário. Podendo estar onde for, até mesmo em outra dimensão, mas lembrando de estar lúcido do trabalho a ser feito. Nada é por acaso, inclusive o local que estamos intra ou extrafisicamente.

Juliana Nicolau é graduada em Tecnologia, pesquisadora da Conscienciologia desde 1998 e voluntária desde 2006.

Igor Cabral é graduado em Gestão de Sistemas de Informática, especialista em *Oracle Fusion Middleware* e consultor em *Middleware*. É pesquisador da Conscienciologia desde 1994 e voluntário desde 2002.

EVOLUTIONARY GROWTH AFTER MOVING TO COGNOPOLIS

Jaclyn Crowen

This article is a reflection of my experiences after moving to Brazil from Australia, revealing the challenges faced, the growth experienced and an exploration of the learnings had at the conscientiological campus in Cognopolis, Foz do Iguassu, Brazil.

In April of 2014, I moved from Australia to Brazil. In the time since much has happened, a lot of recycling and the readjustment of my life to a new reality. While there have been challenges and obstacles, there have also been many opportunities for growth and development. When I first arrived, I remember having an intuition that positive things I could not yet envisage would come my way and that I had made the right choice by moving to this optimized and potentialized holothosene of multi-dimensional self-learning and interassistance at Cognopolis.

Over time, I have observed that I have reached a better condition than when I first arrived, with greater stability and self-sustainability. Like any person who comes to a new place there is a period of adaption where you need to establish yourself in the new environment, develop professionally, socially, as well as in other ways to get to a sustainable level of living.

Following a close friend and fellow volunteer's suggestion, I decided to travel to Foz after a previous plan to live in another country was aborted. I wanted to think with the greatest amount of lucidity and discernment about what I wanted to do with my life, and if I would go back home to Australia or decide to go somewhere else. It was while I was doing an Acoplamentarium, a 3-day parapsychic course inside the CEAEC campus that a person I knew suggested that I live in Foz. It was as if a light bulb went off in my head. Of course, I could live here. Although I had previously spent 6 months in Foz in 2009, I had never thought about actually living here, but now it seemed like a very appealing idea. The idea continued to ferment in my mind, and then I took my decision.

After the honeymoon phase of being in a new place and the novelty of everything wore off, I entered my most challenging phase. Now I thought, I need to put the hard work in to make a life for myself. I thought of myself as a little kid who had to depend on others in order to communicate, to catch rides, and for those basic things needed when living in a new city, which I was completely ignorant about. Many times, I was very frustrated by the seemingly slow movement of my progress as I wanted everything in my life to be settled and stabilized right then and there.

On the other hand, I began to observe the level of support I was receiving from people around me. In particular, a few people went out of their way to help me in this beginning phase until I got on my feet. It was rather strange to have to depend on others after so many years of independence and as

soon as I could, I claimed my independence back. However, I will always be indebted to those people who helped me to adjust to a very different way of life here in Foz.

One issue I faced, which is common for people moving to a new country where they do not speak the same language, was my ability to speak a different language, in this case Portuguese. I did not want to make a mistake when speaking to others, and was very conscious that I was not able to communicate in the same way others did, becoming aware for the first time, that I had a very strong accent. It was peculiar, because in Australia, where everyone spoke in the same way as me, I did not stand out and therefore it was never an issue. Only when coming to live in Brazil did I become very aware of my different style of speaking compared to everyone else. Many times, I would opt to not say anything so as to not err in front of others. However, over time this left me feeling down. I even started to think that I was by nature a little antisocial and worried that people did not want to speak to me because I spoke so badly. But, it was mostly an outcome of the circumstances, and once I overcame this inhibition, and could speak a little better, I stopped feeling so insecure and spoke regardless of whether I made mistakes or not. When I met my evolutionary duo, he helped me a lot to improve my Portuguese and gain greater confidence, as he allowed me to make many mistakes without the slightest judgment. Nowadays, I notice that when giving English classes, some older students have the same issue and due to not wanting to look bad in front of others, do not say anything and stop attending. It is a challenge but it is something important to face and overcome, as it influences many other areas of your life.

I also began to become concerned about the fact that I was seen differently by other people. Before I was a tourist and therefore there was an expectation from both sides that you do not know anything and that you should be treated like a visitor. However, at times I was frustrated that I was still being treated by some of the local people as a tourist or foreigner, especially because I did not speak the language so well, and therefore a number of people assumed that I had just arrived and therefore treated me accordingly. They would say 'welcome', even after more than two years had passed. I am sorry to admit that I would also get upset at the numerous times when someone would try to speak English to me when I was trying so hard to speak in Portuguese to them. Could they not see that they were not helping me by speaking in English and making it even more difficult for me to integrate here? It was difficult for me to see that in fact they had the best of intentions and were trying to interact with me on my level, in my language.

I can say that, now after enough years have passed and I am now more fluent and speaking with greater confidence in Portuguese that it is less common for someone I do not know to speak to me in English. It is only when I sometimes make a mistake in Portuguese that this happens. Furthermore, I have developed a niche for myself as a native English speaker and realized that there is a strong demand for people to learn English, or have work translated, and I have come to accept and appreciate this role that spontaneously fell into my lap. Through this, I have embraced my difference and "foreignness" as I have come to recognize that it is part of my proaxis (existential program) and that people seek me out because of this difference, thus allowing me to assist more. Accepting my role and not thinking I need to be like everyone else has helped me enormously with integrating better in Foz.

In the first few years, I cannot say it was smooth sailing. At times, I was very frustrated with this perceived lack of comprehension from others towards me and my low productivity. I was seeing my weaknesses and inabilities more than my strengths and achievements. I was seeing a side of myself that I did not wish to see and thus I was more emotional and unbalanced. I was constantly sick and felt stressed. However, as it was my first time experiencing this I tended to think it might remain like this, however it doesn't; everything changes and if you continue working at something it eventually gets better. This was a big lesson to learn. In addition, I learned not to be so hard on myself when I was going through this challenging situation.

One of the biggest differences I saw between my old life back in Sydney and Foz was my level of productivity related to my proaxis. It took me more than three years to get back to the same level I had back in Sydney in which I could work efficiently in all the areas of my life that I believed were part of my proaxis. In the beginning I was focused more on solving the basic necessities of life, therefore the focus was more on survival. There was also a longer period of adaptation to the holothosenic form of the place, which included the culture, people, language, as well as getting used to the different rhythm in my life. I was now working as a teacher, which demanded greater energetic sustainability. I was also now volunteering in a different capacity, interacting with different people with different demands. Finally, I needed to energetically and extraphysically adapt to the environment where I was.

Now I realize it was an important transition to go through and that the skills and growth I gained during this phase of adaptation allowed me to reach a new level. The fact that I was able to reach the level previously had in Australia and overcome all the challenges and obstacles, means that I am now more resilient and able to face other challenges with greater competence. I think that the growth that happens when moving between places, when done for the right reasons, that is, when in alignment with one's proaxis, can have enormous benefits. Although it seems that the person took a step backwards, in fact, if the person is able to hold their ground and move past the obstacle, they have advanced from where they previously were.

However, for me to stay in Foz, I realized that it was important to work on recycling certain things, and although it is still a work in progress, I have taken steps to achieve greater self-sustainability.

The first thing I realized I had to do when I moved to Brazil, and the reality of the situation became strikingly apparent, was to drop all expectations that I had of my old life. This is not to say this was easy, because I had lived that life for more than 30 years and I was used to it. I had a reference of my life back in Australia in which I was familiar with the culture, society, government, city, rules and regulations that I could now no longer rely on. Reality was different and I had to accept this.

One of the biggest things, which has made me look at myself a little deeper and recycle certain aspects, is how other people saw me. As I was in a country where I was not a native, was not fluent in the language, was not always acting in the culturally appropriate way, and was at times unsure of things, I had to be okay with people thinking less of me and not assigning me the status that I had become accustomed to in Australia.

In Australia, our group of volunteers was particularly small and each person was seen as a very valuable member of the group. When I came to Cognopolis with its conscientiological community of about 1000, which did not include the constant flow of visitors from various Brazilian cities, I had the sensation of feeling a little lost in the crowd. I was one of many, and a lot of them had been volunteering for many years and had been exposed to numerous ideas that I had not. While I had an excellent fundamental understanding of conscientiology, not being able to speak Portuguese obviously limited me in accessing this broader body of information. This was compounded by the fact that I did not speak the language and stumbled over my words, at least in the beginning. For a while, I was trying to play catch up and prove to others who I was. Eventually after much anxiety and tension and constantly running after something which was unattainable I one day had an insight of the pointlessness of this. All this comparing was completely contrary to evolutionary principles and my own personal proaxis. It was also ignoring my own limitations and rhythm. My natural pace is to always keep moving and adding this additional stress to my life only caused me to be constantly anxious and less efficient. I now try to work at my own pace.

Another invaluable lesson I learned was this idea of cooperation rather than competition. I was unconsciously comparing myself and competing with others. I remember having an experience where during penta I was projected out of the body and speaking to some friends who were explaining to me these concepts of anti-competition and cooperation. The penny dropped and I suddenly got it, how to see people and the world this way. It resolved everything. It is such an agreeable state to be in and it removes anxiety and reinforces your relationship with others. There is no room for competition with others. Only for helping others and for others to help us, as we all move along together in our evolution.

Another important idea, which was essential for me to apply to a greater level, was this idea of paradiplomacy. I had certain values, which I had picked up from my own culture, and I believed that they and their subsequent actions were the correct way of doing things. For example, in Australia there is a particular idea of what respect means. To be respectful there means respecting the privacy of others, serving the person that arrives first and remaining with them until the payment is made, respecting the road rules and the other drivers, not being too loud so as to affect others, arriving to meetings on time, or at least calling beforehand to advise the person of any change, and that children and adolescents should respect adults by being more considerate and respecting the rules, etc. However, in Brazil, at least in the small city of Foz, I was soon to find out that some people had a slightly different understanding of this value of respect. Rather than becoming irritated and expecting that others needed to treat me and others a certain way, I needed to respect that things were done differently and not impose on others and restrict their level of manifestation. Therefore, while not agreeing with everything, and of course respecting my own limits, people were not going to change no matter how much I wanted them to. As such, I needed to respect the pararights of the others as well as interact with them in a way that respected their right to do things differently, and in the way that they felt were best.

Being here in Foz, there is a myriad number of things on offer to help you advance your evolution, and the tendency, at least for me, is to go full throttle and take advantage of everything by doing

courses, dynamics, volunteering, giving classes and writing, in addition to working. However, what has become apparent over time is the need for there to be a balance. To do things, which are important to me, such as things that relax me and that I enjoy doing, taking time out for rest, breaks and holidays. That while I immensely enjoy everything related to conscientiology, it is something different and pertains to the realm of work. At some point, I was working so much, both morning and night to get things done, like a machine that I noticed my thosenity starting to change and become more rigid. This affected all my relationships particularly with my partner and students. I now recognize more clearly, what my limit is and try to make sure I do not force things too much.

Slowly over time, I was able to rebuild and construct many things, which were invaluable in helping me with this adaptation, which I have included below.

Stable physical base. For the first few years, I was living in an apartment and when I moved to live in a house, I noticed very soon afterwards what a difference this made to my life. This included living in a house with a garden ensuring regular contact with nature, more ample and comfortable surroundings and a place to study. Having my own study space was very important to me in that I was able to create an ideal optimized place to sit and do my work. Over time, my study area has generated a holothosene of study and work that is constantly reinforced over time.

Health. For me, this was one of the most important things to get right. I had always eaten healthily in Australia and knew where to find the best quality foods, including organic produce. When I arrived in Foz, I realized that many of these products were not so visibly available and it took time to adapt to cooking in a different way. For a long time I also ate out for both lunch and dinner, which was not ideal, and I observed that this took a toll on my health with reduced immunity. After a trip to Australia where I reconnected with my health conscious family and my former healthier routine, I recovered this and started to cook more at home. I also started to take advantage of an organic farm close by that sold cheap and fresh vegetables. I realized it was possible to eat just as well as back home and with some small adjustments I began to cook those foods that I used to cook. One thing that helped enormously was doing an intolerance test, which clearly showed exactly which foods I had an intolerance to. I was forced to make strong changes in my diet cutting out all foods that contained gluten and dairy for example, which made a big difference to my energy levels and overall health. Also important was incorporating regular weekly exercise, which included walking and Pilates.

Pet. One thing that helped me establish myself and start to develop roots in Foz was the day I found my dog, Pippa. While walking some friends' dogs I came across a very small puppy, almost completely hidden from view by the tall grass. My first reaction was anger that anyone could abandon something so small and defenseless. I spent the night taking almost a hundred ticks off her, and we bonded. I found her 4 months after I arrived and she kept me company for the first phase while I was undergoing a more serious period of adaptation. After moving in with my evolutionary duo and his three cats, we ended up with a happy family of four pets.

Evolutionary duo. Having an evolutionary duo helped me enormously with this phase of adaptation, which included the mutual exchange of intimate affection. A partner, besides enjoying the time

spent together, is someone who you can talk to, depend on and be depended on in those more challenging times, thus providing a solid anchor and support. It also means facilitating each other's growth and development.

Friends and family. An important part of living a full and meaningful life is one's social relations. This is something, which I was never good at maintaining in Australia, and while I always formed strong friendships with people over the years, I had the tendency, when moving to a different phase in my life, to let friendships dwindle. However, in Foz, I have gained more and more insight into the importance of friendships and for the mutual exchange of affection. This is especially the case for many of us intermissivists living in Foz who do not have a family network, and in fact act as a surrogate family to each other. Over the years, I have developed a small but growing number of close friendships with people, which has helped me to positively deepen my roots in Foz. In addition, I have come to appreciate the effort put into maintaining a relationship with my family and closest friends back home.

Work. Another change that I have recently experienced was a change of mindset concerning my work. In Australia, I had just recently finished a master degree and had plans to establish myself as an urban designer. When I arrived in Foz, due to the high demand for Native English speakers, work as a teacher sort of fell into my lap. I always had the idea that one day I will study and do something interesting in Foz. At the same time, I was constantly thinking about leaving my work as a teacher and was often irritable with my students. The work seemed too challenging and I told myself that I did not understand the Brazilian school culture to be a good teacher. My style was more formal, respecting the teacher, not talking during class, etc. However, obviously some of the students thought and did otherwise. After speaking to a friend who specializes in orienting people in their professions, I realized that even though I had not planned to enter into this line of work, and perhaps was not something I would have necessarily sought out, it was something that I could possibly invest my time and energy in, at least for now. I did not need to spend years studying another career and just refine what I already had. As such, this new perspective made me accept the current situation more. I changed my view on how I related to my students as I realized that in a way I had been distancing myself from them. Therefore, this new outlook coupled with dropping my expectations, performing more energetic exercises and some assistance in penta, has helped me to better relate to the students and them to me. While this trait of irritability still emerges from time to time, I have noticed an overall difference in my relationship with my Brazilian students.

Volunteering. In Australia, I greatly enjoyed the volunteering work there and I missed it when I arrived. It was more straightforward in the sense that there was one option and it revolved around supporting the conscientiological office, marketing and giving classes, as well as occasionally producing articles. When arriving at Cognopolis, I was suddenly overwhelmed with the number of choices I had. I needed to decide which conscientiocentric institution best suited me, and knowing that by saying yes to one you are saying no to another. You only have a limited amount of resources, time and energy and you have to choose carefully.

On the other hand, there were a greater amount of opportunities and if chosen well, could help you to specialize and deepen your area of expertise in a certain area, therefore better qualifying your

assistance. For me, after having a parapsychic perception that my specialty was parasociology I decided to become a volunteer in Consecutivus, an institution that studies the consciousness over past lives. I decided to invest more in understanding about past lives and their influence on the consciousness today, also known as the science of seriexology. It has been an immensely rewarding experience in which I have discovered more about who I was, which groups and civilizations I was part of, etc. It has also helped me to better understand myself now, my way of being, help to realign myself better with what I need to do in this life and finally, reinforce my understanding of which groups I came here to assist.

At the same time, my special focus has been on expanding conscientiology to the world, and as there is such a massive amount of information that is still only available in Portuguese, the role of a growing number of conscientiologists is to translate, making this knowledge accessible to others. Besides translating books into English, I volunteer in a group that is producing a thesaurus of which more than 2500 entries are currently being translated. I am also holding weekly English classes helping people to improve their English and knowledge of conscientiology, thus enable them to teach classes in English outside of Brazil, or better receive tourists at CEAEC. Over time, there are more opportunities arising, partnerships are being forged, and joint activities are being developed between people outside of Brazil and within. Only this year, the first International event of its kind will be held in Strasbourg, France, which is believed to be attracting up to 300 people.

Penta. Another positive thing that happened to me was starting penta. Probably for the first year, I struggled with things, a constant low immunity and always feeling exhausted. However, after the first year, something began to change, and things started to flow a little better. I had more capacity for thinking about others and my immunity improved (also because I changed my diet and started cooking more at home) however, I think each factor positively contributed to the other and to this change.

Energy. With the positive change that started occurring through penta, I started to become increasingly aware of the positive benefits of moving energy. Actually, for a long period I neglected moving energy in a more constant and efficient way. However, over this past year I am feeling more lucid about this process and its real benefits. One of the biggest changes is a reduction in irritability, which I can say without a doubt had a relation with energetic intoxication.

Dynamics. Over the years, I was involved in energetic activities of assistance, also known here in Foz as a parapsychic dynamic. During these dynamics, various energetic and parapsychic activities including clairvoyance occurs in a group, where you donate energy for assistance to projected and extraphysical consciousnesses and you receive assistance as well. I have also developed my parapsychism over time, which invariably has helped my life outside the dynamic.

All of the above things have jointly contributed to my process of adaptation here in Foz. These changes are unperceived at the time, however over time can be observed in the feeling of general well-being that I experience here, a reduction in the number of crises and a greater level of productivity I am able to sustain.

Only by immigrating to another country did I become aware of a number of my strengths. This included having a set of skills that reflected my international mindset and defining more clearly my role to contribute in an interassistential way to the international activities of conscientiology.

In this life, since the age of 19, I have already done lots of traveling, including visiting the United States twice, New Zealand, China, Lebanon, Israel, England, Portugal, Germany, Argentina and Paraguay. This year I will travel to France. However, I only really became aware that I had an international mindset when I migrated to Brazil.

Through my self-research of past lives, I began to uncover that it was not the first time I had immigrated to another country and that in fact I had been doing this for a number of lives, revealing it as a strong aspect of my personality. While still not 100% confirmed, I discovered that my last three lives were related to the holothosene of travel and migration. In my last life, I emigrated from Russia to the United States, in the life before that I emigrated from England to Australia and in the possible third last life I traveled from Germany to study in the Netherlands. Another factor, which has resulted in me becoming more aware of these favorable traits related to migration and traveling is being part of the Jewish group, not only in this life but also over a number of past lives. The Jewish group spent over 2000 years experiencing a very high level of migration.

A course I did which contributed to this awareness was *Identification of the Retrocode*. The retrocode is that particular idea which represents the sum total of everything the consciousness did in their past lives until now, which can be positive, neutral or negative. During the course, I identified my retrocode as being connected with going to a new place and bringing new information, and changing what is there. It has a strong relationship with migration and reurbanization.

All of this made me reflect on the number of lives I migrated from one place to another, from one country to another, or one culture to another. What kind of skills did I pick up from these travels that gave me the set of skills I possess today? Also, all this information has helped me to more strongly assume the characteristics I have within myself and how I can qualify them even more going forward.

As such, I include here a number of skills that have helped me to adjust more easily to Brazil.

Adaptability. This is the ability of getting used to different and changing circumstances, making the best of the situation and being resilient. In my case, I came to Brazil largely on an impulse as my previous situation had changed. I only had two suitcases and very little money. I did not speak the language and had to start from scratch. Now four years on, I have greatly improved my situation financially, linguistically, affectionately, socially, culturally, and of course politically, thus gaining permanent resident status and all the benefits and relief that go with this legal status.

Detachment. This is the ability to put all one's focus in the place one is residing, not feeling homesick, and starting afresh with new connections to the place and people that live there. I noticed that in comparison to many people I know, when I go to a new place whether for travel or to live, I manage to completely focus on living my life there, do not experience homesickness, and almost forget the people and places I have left behind. I realized that it has helped me in successfully establishing myself in

Foz however at the same time; I need to make sure that I put effort into regularly maintaining certain important groupkarmic links with my family.

Frugality. The ability to save or live with very little, thus making the most out of the little you have, whether money or objects. When I first arrived in Brazil, I stayed at a friend's house for 10 days, then two months in another person's house before moving to a shared house where for a while I slept on a mattress on the floor. I ate less food to make ends meet as I was earning very little money.

Neophilia. An openness to new things, new cultures and different ways of thinking and behaving. While I love different cultures and all things different, I did have some trouble with reconciling certain values picked up from my own culture with those of the Brazilian culture. In order to understand the culture better, I researched about the differences between cultures and gave talks and workshops on the subject.

Since I moved to Brazil, I have noticed that the culture has influenced me in a positive way. While these cultural aspects are generalizations and not everyone in Brazil has these traits, they are still tendencies and are my experience as a foreigner, in which I make comparisons between the Australian and Brazilian cultures. Thus to end this article I would like to discuss some positive aspects of the Brazilian culture which have helped in my personal recycling.

Happiness. I observed that the supermarket employees at the end of the night appeared happy and were laughing and joking with each other. I am not sure if this is the case across all of Brazil however, this is something that struck me as different to the Australian culture. Only in pleasant circumstances, will people be joking. What is there to joke about working as a sales assistant in a low status job? However, here people can be in a seemingly menial or unpleasant situation and yet make the most of it, still managing to joke and not complain. Another situation I encountered was when I rode the bus with no air conditioning on a day with 40-degree heat. Yet, remarkably, even though everyone was profusely sweating, people were still in a good mood. I could not believe it! This is something very positive about the Brazilian culture. I know that this aspect has helped to mellow me out a bit and am no longer so irritable in disagreeable situations.

Femininity. The Brazilian culture has more defined gender roles for men and women, and women take greater care in their personal appearance. In Australia, the gender roles are a lot more relaxed and women have greater flexibility to dress in a more casual way. This has its pros and cons. When I first came to Brazil, I strongly noticed this difference. Over time, I started to become more interested in putting greater effort in my personal appearance and realizing that it makes a difference to how people interact with you, as well as your level of self-confidence. Also taking greater care in your appearance is something that I have come to appreciate more through the act of self-nurturing.

Conviviality. One thing that I think is nice about the Brazilian culture is this greater openness with people. When interacting with groups of people, the preciseness of what you say is less important than the fact that you say it and engage with the group. This has helped me to open up a lot more as I know that the person that I am talking to will be more receptive.

In short, the level of growth I experienced is much greater than if I had stayed in the same place and culture where I was raised. Moving to another place, at least once in your life, especially for evolutionary reasons, then making it your home and putting all your efforts into establishing your life there in a more permanent way is an essential evolutionary skill to develop and will positively permeate to all other areas of your life.

Jaclyn Cowen, 37 years old, lives in Foz do Iguassu, Brazil. She has a Bachelor's degree in Urban Planning and a Master's degree in Urban Design. Jaclyn has been a volunteer of conscientiology since 2007, a conscientiology teacher since 2010 and is currently a volunteer of Consecutivus, ISIC and CINEO. She is a verbetographer and penta practitioner. Email: jaclyn.cowen@gmail.com

HORA DA MUDANÇA

Maria Cristina Nievas

RESUMO

O artigo procura compartilhar os efeitos do encontro com o holopensene conscienciológico, através do convívio com a *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional* (CCCI), que marcaram um antes e um depois, quanto à qualidade de vida consciencial. A autora considera ser a narrativa quanto à dinâmica dos fatos, a maior evidência dessa mudança para a autorreflexão e o esclarecimento quanto às vivências das ocorrências. De início, faz referência às experiências da autora com a Conscienciologia na Argentina até chegar aos dias atuais, já com moradia em *Foz do Iguaçu*.

Surpreendência. Conheci a Conscienciologia, em novembro de 1992, na cidade de Buenos Aires, na Argentina, meu país de origem. Deparar-me com essa Ciência foi grande surpresa para mim, pois aconteceu numa tarde em que fui visitar uma amiga e, na hora, ela recebeu pelo correio o convite para uma palestra de Conscienciologia no centro da cidade de Buenos Aires. Ela, então, começou a me falar da experiência que havia tido com um médico brasileiro chamado Waldo Vieira, e das informações interessantes de uma palestra que ele havia ministrado a qual ela tinha assistido também no centro da cidade. Ficou eufórica com o convite e convidou-me para participar achando que eu ia gostar da temática “viagens astrais”, a saída do corpo. Também me disse que tinha recebido nessa palestra um presente, um calhamaço, o tratado da Projeciologia, porém, como não sabia o idioma Português, estava à espera de alguém que a ajudasse na tradução do livro.

Palestra. Enfim, aceitei o convite porque fiquei curiosa com o que minha amiga tinha me dito e juntas assistimos à palestra de Projeciologia, Na realidade, gostei demais dessa informação pois, na época, eu estava tendo experiências fora do corpo que me ajudaram no interesse pela temática. Então, fiz o primeiro curso P1 (lembro que foi ministrado de segunda-feira a quinta-feira) e o P2 (no fim de semana). Ambos faziam parte dos 4 cursos básicos de Projeciologia. E recordo-me do segundo curso, P2, ter coincidido com a data do meu aniversário.

Recéxis. Realmente, aproveitei muito, tanto a palestra pública quanto os dois cursos ministrados pelo IIP (Instituto Internacional de Projeciologia). Isso me trouxe a possibilidade de experienciar um divisor de águas na minha vida: sair da casa dos meus pais; voluntariar, de início em tarefas administrativas no que foi a gestão da primeira filial na Argentina do *Instituto Internacional de Projeciologia* (IIP); acompanhar a mudança do IIP para o *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC), que aconteceria anos mais tarde, com a apresentação da ciência Conscienciologia; dedicar-me às traduções dos livros conscienciológicos para o Espanhol, sem interrupção de continuidade, no meu caso, até 2012.

Crescendo. Foram tempos das “*vacas gordas*” ou a vivência da *Era da Fartura*. Na verdade, começaram as viagens tanto nacionais quanto internacionais. Em 1998, conheci o *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC) e aprofundi o aprendizado quanto às energias dos lugares, dos locais, e a prática do trabalho energético, o qual meu parceiro (na época) me ajudou demais, para eu poder interpretar melhor os fenômenos extrafísicos. Ambos começamos a prática da tenepes, primeiramente ele, e comigo, 1 ano depois. Infelizmente, interrompi a prática da tenepes em 2005, pois já estava vivenciando uma crise de crescimento fazia alguns anos e, nessa época, se intensificou.

Emigração Em 2006, houve a primeira tentativa de ir para *Foz do Iguaçu*. Era uma porta importante que se abria, mas não deu certo, pois ainda não tinha calçado o assunto da futura aposentadoria na Argentina e faltava arranjar também o emprego em Foz, para me sustentar. Foi quando aconteceu a primeira lição teática ou *feedback* conscienciológico: “*os pés na rocha, o mentalsoma no Cosmos*”. Passei pelo atendimento pontual tanto do *Apoio aos Voluntários e Alunos* (AVA) quanto da *Organização Internacional de Consciencioterapia* (OIC), e a sugestão dos consciencioterapeutas foi de eu voltar para a Argentina e me organizar acertando as pendências.

Acertos. Voltei para Argentina, consegui recuperar o trabalho que tinha e continuei atuando na função de psicóloga de Jardins Maternais até completar o tempo de serviço necessário para me aposentar.

Continuidade. Entretanto, dediquei-me todos esses anos em Buenos Aires, junto com o trabalho na Psicologia à dupla tarefa de tradução ao idioma Espanhol dos verbetes da *Enciclopédia da Conscienciologia*, enquanto teletertuliana, e comecei a estudar formalmente o idioma Português na “Casa do Brasil”, e o idioma Francês na “Aliança Francesa”. Isso favoreceu muito o domínio da língua Portuguesa e o acesso ao conhecimento de uma nova língua, a Francesa. Houve também a retomada da prática tenepessista, em 26 de novembro de 2009.

Assistência. Foi muita a assistência recebida nesses anos todos. As vivências multidimensionais favoreceram conquistar o equilíbrio íntimo que hoje estou vivenciando, até surgir nova oportunidade de morar em *Foz do Iguaçu*.

Mudança. Atualmente, considero bastante valiosa a sincronicidade que aconteceu quase sem eu poder registrá-la pela vivência da aceleração do ritmo do processo. Enfim, em julho de 2012, consegui fazer a aterrissagem em Foz. E assim, vieram novas atividades, novos aprendizados, o voluntariado no *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC) tornou-se mais instigante, e a escrita verbeto-gráfica teve início, aos poucos.

Neomoradia. A experiência da moradia em *Foz do Iguaçu* trouxe para mim expectativas muito importantes de melhoria na qualidade de vida, era a *virada da mesa* esperada, a reciclagem ímpar que eu estava precisando. Poderia fazer os cursos sem me preocupar com as viagens, aprofundar o relacionamento com as pessoas amigas as quais fui conhecendo nas idas para Foz desde 1999, assistir “*ao vivo*” às tertúlias conscienciológicas, enquanto neotertuliana. Eu achava tudo isso fantástico, depois de tantos anos “mexendo” com as ideias da Conscienciologia através dos livros do prof. Waldo Vieira.

Neoaprendizado. Já completei 6 anos de moradia em Foz e posso avaliar essa movimentação que implicou em nova cidadania, nos aprendizados nas vivências diárias, na compreensão de buscar calçar sempre, coerentemente, o *binômio intrafísica- extrafísica*, ou seja, a vivência da multidimensionalidade.

Ao modo de compartilhamento, eis como exemplo, 15 ítems sobre a aprendizagem no âmbito cognopolitano:

- Parapsiquismo enquanto ferramenta evolutiva.
- *Sinergismo soma-energossoma-psicossoma-mentalsoma.*
- Reencontro com as amigadas evolutivas.
- Senso de gratidão.
- Convívio multicultural.
- Seriedade não é rigidez.
- Partidarismo enquanto autofreio evolutivo.
- Cadência na vida se aprende fazendo.
- Autesforço no autodesafio.
- Sobreapairamento *versus* indiferença.
- *Binômio abertismo-autocrítica.*
- *Trinômio amoralidade-moralidade-cosmoética.*
- *Antipodia concessões antievolutivas–concessões evolutivas.*
- *Princípio “isso também passa”*
- *Princípio “que aconteça o melhor para todos”*

PARAPSIQUISMO ENQUANTO FERRAMENTA EVOLUTIVA

A aquisição do parapsiquismo é desenvolvida para melhorar o contexto geral da consciência, a obtenção da imagem mais além do que esteja acontecendo, a ajuda para perceber ou ficar “em alerta” quanto ao assunto que se apresenta. Essas parapercepções advindas da vivência multidimensional, mesmo ainda não suficientemente desenvolvidas, favorecem o fato de se precaver, de ter cautela ante as ocorrências, de procurar o atilamento cada vez maior. Ergo, o parapsiquismo é “coadjutor da vida”, ele não é pensado para atrapalhar consciências, mas para enriquecer o convívio interconsciencial, tornar mais ampla a compreensão, favorecer a harmonização íntima, diminuir as reações de briga perante as divergências. Quando o contrário acontecer, estamos perante o parapsiquismo destrambelhado ou patológico. Isso é possível de mensuração, mas exige autovigilância contínua, intencionalidade sábia, avaliação das possíveis companhias intra e extrafísicas afins ao processo e do raciocínio constante. Isso é gerador de imensa responsabilidade na consciência perante tamanho aporte que irá *in crescendo* na medida em que houver a aplicação do autodiscernimento e do autesforço ininterruptos. *O parapsiquismo é uma benção se aproveitado cosmoeticamente para atingir a automaturidade consciencial.*

SINERGISMO SOMA-ENERGOSSOMA-PSICOSSOMA-MENTALSOMA

Considero o *sinergismo soma-energossoma-psicossoma-mentalsoma* o maior aprendizado íntimo nesta vida, a partir do contato com o holopensene da CCCI. O intuito de a consciência buscar atingir e usufruir do cuidado contínuo e veemente dos 4 veículos de manifestação consciencial, embasa a aut-evolução de jeito, realisticamente, de maneira granítica, contumaz. O esclarecimento disso descobre a banalidade quanto à saúde evidenciada na despriorização, a autodesorganização ou desleixo. A falta de manutenção desse equilíbrio acaba inibindo toda otimização evolutiva, ainda que a consciência tenha se esmerado em outras áreas de atuação. *A inteligência evolutiva é manifesta no equilíbrio holossomático.*

REENCONTRO COM AS AMIZADES EVOLUTIVAS

Quando penso nos efeitos da consciência ao se deparar com as amizades evolutivas, considero que *tudo vai para adiante*, a perspectiva e a prospectiva da vida pessoal mudam. Surgem os contrafluxos, a crise de crescimento, os momentos de desequilíbrio, os momentos da homeostase, as reciclagens íntimas, a reflexão das posturas imprestáveis e a necessidade de reavaliação de condutas, dos posicionamentos errados, da incoerência nos fatos. A evolução não tem nada de magia, nada acontece por acaso. É o resultado do holopensene salutar, homeostático, em procura da evolução em conjunto, sempre vai levar a consciência para adiante. Daí a frase: – *“Sozinho se vai mais rápido, em grupo se vai mais longe”*.

SENSO DE GRATIDÃO

A manifestação da gratidão nada mais é do que mostrar-se e manifestar aos outros as conquistas dos acertos pessoais. Chega a hora do “não devo pensar mal de ninguém”, “devo ficar empático com os outros” e “não devo ser anticosmoético” são superados, enquanto “autoexigências”, pelo “não tenho vontade de pensar mal de ninguém”, “quero ficar mais empático com os outros” e “sinto a necessidade de eliminar a anticosmoética da minha vida. É a conquista íntima do abandono da auto-hipocrisia e da procrastinação do autoafeto. *O princípio de realidade e o princípio da descrença são ótimos desencadeadores conscienciais, pois provocam o enfrentamento da consciência consigo próprio.*

CONVÍVIO MULTICULTURAL

Lembro que chegar em Foz propiciou a experiência do contato direto com as múltiplas etnias que aqui moram. Logo ao chegar, morei no centro da cidade e isso ajudou muito nessa experiência. Era sair do apartamento e me deparar nas ruas, o tempo todo, com consciências se comunicando em diferentes línguas, quando fazia compras no dia a dia nas lojas, no supermercado, nas caminhadas ao longo do dia, nas visitas ao *shopping*, na hora do almoço ou do lanche. Eu gostava disso e lamento ainda não ter domínio do idioma inglês, nem ter a fluência para me comunicar em outros idiomas: o Francês, o Chinês, o Árabe, o Japonês. A mesma situação, logicamente, acontecia e acontece, todo

dia, no CEAEC. Mas, reconheço tem suas diferenças, podendo ser a afinidade pela temática conscienciológica que ajuda, em ocasiões, à interação mais espontânea. O que merece destaque nisso é o poder expandir o processo da comunicação a partir da superação das próprias limitações. Em todo intercâmbio sociocultural, prima o saber compartilhar com os outros. *Evidência acachapante é corroborar que o aprendizado de idiomas é o início do enriquecimento da aculturação, da abertura de horizontes.*

SERIEDADE NÃO É RIGIDEZ

A aquisição no *jogo de cintura* para diminuir atitudes ou condutas que manifestam rigidez ou fechadismo, por exemplo, excessiva cautela, sobriedade exagerada, seriedade inoportuna, expressas no intercâmbio étnico, faz a consciência registrar a inadaptação ainda nas variáveis existentes em toda mudança, podendo ser mais exponencial na mudança de país. Hoje, reconheço muito valiosa a experiência de atrever-se a conhecer locais diferentes, pessoas de culturas variadas, isso amplia o íntimo da consciência, produz verdadeira catálise na pessoa, sem dúvidas. A mudança e/ou visita a outros países é minha sugestão para quem quiser melhorar as posturas rígidas e aprender a enriquecer a vida. Lembro-me de um *feedback* do próprio prof. Waldo Vieira, na observância das suas abordagens nos assuntos, essa soltura e desinibição, teve repercussão, pois mexeu comigo, quanto à minha rigidez em algumas abordagens. *O autoexemplo cosmoético pinça e expõe trafores e trafoais para quem tiver disponibilidade em enxergá-los.*

PARTIDARISMO ENQUANTO AUTOFREIO EVOLUTIVO

O partidarismo resulta em autofreio evolutivo, pois a tendenciosidade ínsita ao partidarismo, se expande e acaba afetando a vontade, a intencionalidade, e assim surgem as ideias pequenas, o *pensamento small* até chegar à manifestação do ato sectário. Ele polui o convívio das consciências. Quanto de partidarismo temos sem sequer suspeitá-lo? Pareceria que tudo pode ser pensado em setores, parcialidades, especialidades, particularidades, singularidades, exclusividades, privacidades. Quanta caminhada ainda há de ser percorrida para a consciência se atrever, sem mesquinhez, na aceitação do diferente, ao conceito amplo, à ideia sem preconceito, ao atingir a crista da onda. *A manifestação parcelada da consciência impede o aproveitamento do crescendo evolutivo dificultando o pensar grande.*

CADÊNCIA NA VIDA SE APRENDE FAZENDO

A *cadência* é a harmonia na disposição das palavras, o ritmo agradável, a regularidade de movimento, a suavidade de estilo, o ritmo no passo, o compasso na dança, a tendência, a vocação, a pausa ou terminação de uma frase musical, a sucessão de acordes que indicam a terminação harmoniosa.

São muitas as oportunidades de teste que vêm acontecendo comigo ao longo dos anos. E poder percebê-las ajuda no aprendizado das experiências, das mais simples às mais complexas. As surpresas evidenciam à consciência o que ela desconhece, obviamente, o que não parou para pensar, nem pas-

sou pela sua cabeça. O inesperado nos provoca. A questão de poder enxergar e aprofundar no assunto não é tarefa fácil, e muito tem a ver com a aquisição e priorização do detalhismo, da autocrítica, da autodisciplina. Ainda assim, o imprevisto se faz presente enquanto parte da evolução. Quando a consciência achar não saber de nada pode ser tão errado quanto ela pensar saber de tudo, os extremos não prestam mesmo. A consciência por ter uma existência multimilenar sabe bem mais do que ela acha, mas não sabe tudo, pois se a evolução é infinita, o aprendizado torna-se sempiterno. *A cadência na própria performance se dá a partir da semperaprendência até surgir o strong profile.*

O AUTESFORÇO NO AUTODESAFIO

Ter conhecido a Conscienciologia foi desafio indiscutível, incontestável para mim. E manter o interesse nesse aprendizado ao longo dos anos tem sido desafio ainda maior do que o desafio inicial. Entretanto, o fato que considero mais abrangente é tentar ser útil no voluntariado conscienciológico. São muitas as frentes abertas pelos intermissivistas, as informações ministradas, o tempo todo, nos vários trabalhos conscienciológicos. A variedade em quantidade e qualidade se amplia cada vez mais e tudo é importante. Essa *Era da Fartura* é vivência diária, corriqueira. Nesse sentido, a conquista da teática (teoria e prática) torna-se prova contumaz, enquanto aplicação do autodiscernimento. *A degustação da teoria na prática é automegadesafio.*

SOBREPAIRAMENTO VERSUS INDIFERENÇA

O fato de refletir sobre o quanto conseguimos sobreparar um assunto e quando podemos cair na indiferença, a partir de nossas atitudes e o modo de agir, considero muito importante. Sobreparar é saber do assunto em questão, compreender o que está acontecendo, tomar certa distância da situação, com calma, serenidade e histrionismo necessário para abordá-lo da melhor maneira, buscando o mais apropriado na hora, para intervir eficazmente. A conduta tranquila, o não perceber a vida com dramatismo, a evitação das ocorrências serem vivenciadas como desastre, a tendência ao bom-humor podem ajudar muito, mas tudo deve ser observado com cuidado. A manifestação da indiferença, muito pelo contrário, pode ser ignorância do que precisa ser feito, negligência, medo de errar, ansiosismo, falta de domínio da situação imperante, é “o atuar como se isso não existira”, em aparente acalmia. A improdutividade pessoal, a falta de prudência, a continuidade nas despriorizações, o *murismo* e a falta de autoposicionamento levam notadamente mais à atuação da indiferença do que ao fato de sobreparar. Esse olhar, junto com o autenfrentamento sincero, favorece a erradicação, aos poucos, de alimentar autossimulações conscientes e inconscientes. *A autopesquisa nesse sentido é inarredável.*

BINÔMIO ABERTISMO-AUTOCRÍTICA

O abertismo do qual tanto se fala na Conscienciologia é o “abertismo sem ingenuidades”. É aquele com a maior autocríticidade possível, a partir da aplicação do *princípio da descrença* embasado na autexperimentação.

Enquanto pilar intraconsciencial, a consciência dotada de tal abertismo é capaz de conseguir o acolhimento aos outros com a maior auto e hetero-assertividade, ou seja, o cuidar de si mesmo e do outro tendo por objetivo o esclarecimento para o crescendo em conjunto.

A maturidade estabelece esse limiar, retira barreiras e constrói pontes de acesso para a confiança necessária se instalar. O respeito mútuo e a sinceridade sadia ajudam no processo equilibrando as interrelações. Surge a disponibilidade simétrica, a possibilidade de divergências sem brigas, sem medos de perder os afetos. *Quanto mais relacionamentos bem-sucedidos houver, mais assertivo o caminho na construção das amizades evolutivas.*

TRINÔMIO AMORALIDADE-MORALIDADE-COSMOÉTICA

O *trinômio amoralidade-moralidade-cosmoética* é o crescendo evolutivo capaz de evidenciar as possibilidades e gradação da mudança, de fato, o parâmetro efetivo do acesso à intraconsciencialidade.

A superação da conduta antissocial já é avanço, mas a passagem do moralismo à vivência cosmoética é tarefa de *Sísifo*. Quando a Cosmoética começa mexer no íntimo da consciência ficam às claras as autoincoerências, as imaturidades, os objetivos sem foco, os infantilismos nas atuações, os exageros, as omissões deficitárias, as dificuldades perante os desafios pessoais que inevitavelmente implicam em trancamento das autorreciclagens vitais, sendo essenciais para o melhoramento consciencial ser efetivo. *Viver com dignidade é viver a vida priorizando a utilidade evolutiva de todo autotempreendimento que a consciência faça, seja ele a menor ou no melhor dos casos, a maior.*

ANTIPODIA CONCESSÕES ANTIEVOLUTIVAS–CONCESSÕES EVOLUTIVAS

Pergunto-me quantas vezes se faz cedência ou concessões inúteis, infrutíferas, ilógicas, utópicas, interprisionárias, achando ser a solução de algum problema ou assunto a ser resolvido. Quando a falta de autodiscernimento acontece o limite da concessão é falho.

A vida tem a *interação ensaio-erro-ensaio-acerto*. O *paradoxo de o erro fazer parte da busca do acerto* pode ter lógica, mas a questão é não tornar-se hábito. Atuar sem pensar nas consequências é verdadeira ignorância evolutiva.

O poder pensar “no que está em jogo” na hora da concessão ser feita, favorece a avaliação de resgatar o melhor do contexto no qual se está inserido. Sempre o limite certo é a intervenção da Cosmoética.

O que faz errar mais? O desleixo consigo próprio manifesto na autodesorganização pessoal? A falta de coragem para acertar? O autodesconforto do egão perante a ameaça de ficar exposto ao erro?

Na minha opinião, tudo isso é permeado pela falta de autoafeto sadio. O *estresse* alterando o autoequilíbrio; a controvérsia íntima; a ansiedade fora de controle; o autoconflito, fazendo parte nodal nesse processo.

Os acertos cosmoéticos, pró-evolutivos, surgem evidentes no senso de libertação que a consciência vai experienciando gradativamente, as possibilidades do avanço a partir do vigor da autoestima, o vislumbre da autocura de trafores, a detecção de trafais, as dívidas antigas sempre atuantes no *presente continuum*, e os efeitos no traforismo desvendado nas próprias atuações, servem de norteadores na discriminação do que vale abrir mão e do que precisa ser mantido em toda escolha evolutiva. *Concessões precisam de alta autorreflexão.*

O PRINCÍPIO “ISSO TAMBÉM PASSA”

A Natureza, sendo exposição plena da evolução, dá o exemplo das mudanças serem ininterruptas, surgindo na manifestação de todas as etapas: o início, o desenvolvimento e o fim de cada processo, inclusas as mudanças conscienciais, ou pelo menos, o que deveria acontecer.

Quando olho para trás e enxergo a divisão de águas ocorrida nesta mesma vida, e ter conseguido vivenciá-la com lucidez abre o leque de possibilidades encorajando a consciência à neofilia. Se paramos para pensar “um segundo é distinto do próximo”. O minuto que passa não volta. Podemos entender que as situações de vida não ficam sempre as mesmas, nós mesmos passamos por vivências que impossibilitam nesse relacionamento contínuo, a permanência enquanto seres multidimensionais. Se a impermanência é o mais permanente na evolução, como fica a criação do monoideísmo, da monotonia consciencial, da fixação nos assuntos? Estagnação é falta de evolução. *Renovação é absorver o oxigênio da vida, redimensionar o valor da própria ressonância, o hábito sadio, a revisão das posturas imprestáveis, o fortalecimento da amplitude de critérios.*

O PRINCÍPIO “QUE ACONTEÇA O MELHOR PARA TODOS”

A Evolução abrange o interagir incessante dos diferentes patamares existentes: o mineral, o vegetal, o pré-humano, o humano e o para-humano. Nós passamos por todos esses patamares. Na evolução, tudo está interligado. É difícil compreender o alcance dessa repercussão em tudo aquilo que tem a ver conosco, e a repercussão ao fazermos qualquer movimento evolutivo. *Se ninguém evolui sozinho.* Cabe a reflexão: “Quais os objetivos? Qual a qualidade da mudança que procuramos fazer? Para quê? *Quanto maior a prioridade do autodiscernimento e da implicância da Cosmoética nos assuntos que abordarmos, maior será a aquisição do senso de responsabilidade nas próprias ações.*

María Cristina Nievas, licenciada em Psicologia pela Universidade John F. Kennedy de Buenos Aires, na Argentina, em 1984. Atuação profissional em escolas Jardins Maternais Municipais de Buenos Aires. A partir do 2012, em Foz do Iguaçu, na Subway; na Uniamérica e no Colégio Beta. Voluntária da Conscienciologia desde 2005 (Laboratórios Conscienciológicos; Holociclo; traduções Português-Espanhol do Jornal da Cognópolis e do Glossário da Conscienciologia; verbetógrafa da Enciclopédia da Conscienciologia desde 2011.

PRIMEIRO FUI UMA VISITANTE, DEPOIS MORADORA DA COGNÓPOLIS

Mercedes Luiña Martinez

ANTECEDENTES

Nasci em Madrid, na Espanha, em 3 de Maio de 1946, era a terceira de uma família de 4 irmãos. Parece que foi ontem que tomei este corpo, resseei e comecei com um novo corpo nesta vida, toda uma aventura.

Tem sido uma vida na qual experimentei muitas coisas, sobretudo, saber mais de mim mesma, foi algo que sempre tive em mente: curiosidade pelo que sou, o que faço aqui, neste mundo físico, neste corpo, na família onde eu nasci e de onde venho (possivelmente da Baratrofera) segundo o próprio Waldo Vieira dizia em relação aos tertulianos presentes na Tertúlia.

Eu precisava muito saber quem eu era, ter um conhecimento de mim mesma, e dos outros, e também na época, com 5 ou 6 anos de idade, eu dizia: **“Quero chegar ao máximo de meus talentos. Se eu me desviar do caminho do que tenho a fazer, por favor, me dêem um tapa na cara para eu saber que estou errando.”**

Essa frase estava relacionada, possivelmente, com a educação recebida num colégio de monjas chamado “As Jesuitinas”. A maioria dos espanhóis dessa época enviavam seus filhos a colégios de cunho religioso, para ser melhores homens e mulheres no futuro. Afortunadamente, meus pais não eram muito religiosos, e penso que não influíram demais em mim, mas a ideia estava na minha intracoscionalidade.

ESTUDOS

Fiz estudos primários e, aos 14 anos de idade, não quis estudar mais e precisando ajudar em casa, me preparei para a função de secretária com domínio de idiomas. Quando finalizei, comecei a trabalhar numa empresa de alimentos compostos (*piensos compuestos*) industrializados para animais.

No entanto, quando completei 1 ano de trabalho, decidi voltar a estudar. Finalizei o Ensino Médio, Superior, fiz o Curso de Orientação Universitária (o Vestibular no Brasil), e comecei o curso de Psicologia, em horário noturno, já que continuava trabalhando de manhã e à tarde.

E, assim, foi tudo, andando passo a passo, e retificando as decisões não acertadas por outras mais certas.

Quando finalizei os estudos de Psicologia, fiz o mestrado (*Curso de Doctorado*) com duração de 2 anos. Comecei a fazer trabalho voluntário com um psiquiatra, realizando entrevistas com as famílias dos doentes. Ao mesmo tempo, preparava a *Tesis Doctoral*. “O Paciente Designado Inconscientemente pela Família” era o título de minha *Tesis Doctoral*, cujo trabalho de campo foram minhas visitas com o psiquiatra, nos fins de semana que eu tinha livre. Íamos ao Hospital Provincial “Gregorio Marañon”, no Departamento de Psiquiatria, para visitar pacientes crônicos, psicóticos, depressivos graves, esquizofrênicos, etc.

O trabalho de voluntariado no Hospital Gregorio Marañon me levou a fazer ponderações sobre as doenças psiquiátricas e o fato de as pessoas serem tão vulneráveis depois de sofrer, principalmente, traumas familiares, e da necessidade de serem acolhidas, com carinho e compreensão. Isso muda muito o tipo de comunicação com elas, muitas sofreram maus tratos na infância na família.

CONECTAR COM UM NOVO PARADIGMA

Minha conexão com a Conscienciologia aconteceu no mês de abril de 1999, quando uma amiga me disse que havia assistido a uma palestra muito interessante e que eu ia gostar muito.

Fui e adorei e minha amiga (e amparadora sem saber) cumpriu sua função de levar-me, mas ela não frequentou mais, e eu permaneci na Conscienciologia até hoje (Data-base: 23 de junho de 2018).

PROCESSO CONSCIENCIOLÓGICO EM MADRID (ESPANHA)

Em Madrid, havia uma unidade da Conscienciologia, sob a coordenação de Paloma Cabadas, professora da Conscienciologia, comunicadora nata, trabalhadora, esforçada, excepcional, quem também fez a tradução do livro “Projeciologia” para o espanhol, e de outros livros e artigos.

A unidade em Madrid era ligada à sede matriz do IPC (Instituto Internacional de Projeciologia), localizada no Brasil, mais adiante chamado de IIPC.

CURSOS

Ali, comecei a fazer todos os cursos de Conscienciologia oferecidos. Os mais avançados, ECP1, ECP2, me transportaram até o novo paradigma, muito mais razoável (pode parecer um paradoxo, o conceito de mais razoável, mas não é, o sutil, quando você entende tudo, é um processo de ressonância de energia de um sistema emissor (o professor) que oscila numa frequência própria para a outra pessoa (o receptor) que oscila com a mesma frequência. Então, funciona essa comunicação entre os dois, começa uma empatia grande com os conteúdos, isso foi o que aconteceu comigo.

Quando você está ávido por conhecimento ortopensênico, você entende quase sem explicação, talvez porque na Intermissão ou Curso Intermissivo, já foi falado tudo isso e ressona em você de forma fácil.

PRIMEIRO CONTATO COM CONSCIENCIÓLOGOS BRASILEIROS EM BARCELONA

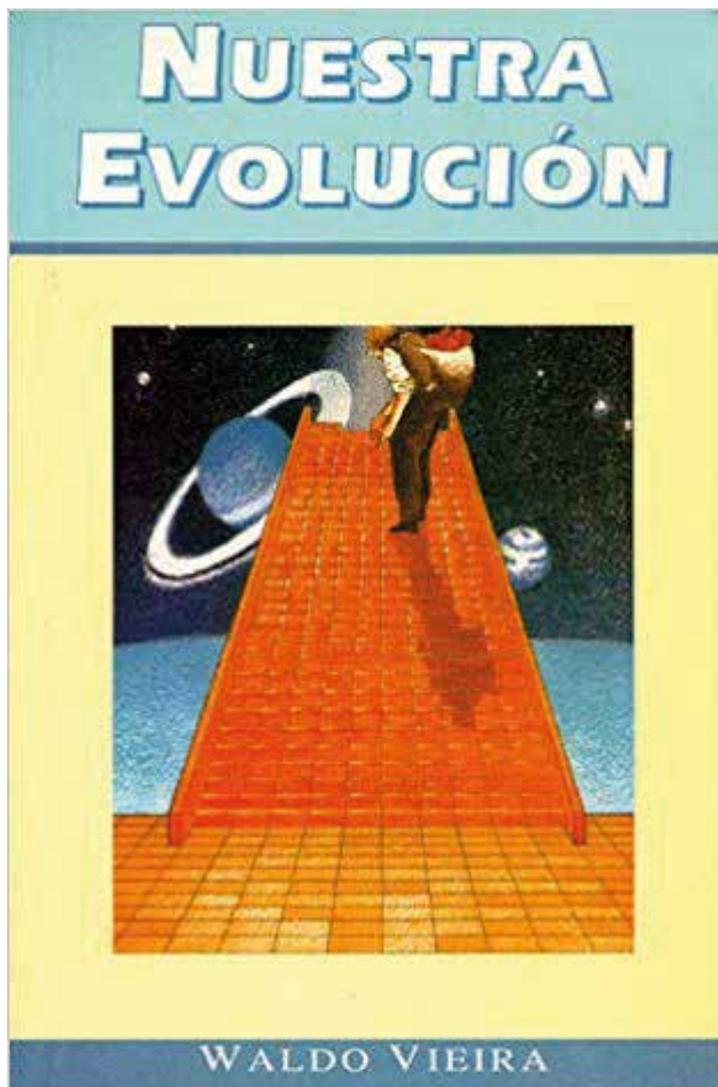
I FIC – I Fórum Internacional de Conscienciologia, em 1999

Tive a sorte de finalizar todos os cursos antes do começo do I FIC-II CIPRO em Barcelona, em 1999, e encontrar-me pela primeira vez com outra gente, diferente da espanhola, com cursos e palestras muito interessantes, um ECP2, meu segundo ECP2, com dois epicons de alto nível: 1. Waldo Vieira. 2. Marina Thomaz. No sorteio, fiquei no grupo da Marina Thomaz e foi excelente.

E, assim, fui assimilando, coisas novas, gente nova, e meu cérebro e paracérebro foram criando sinapses novas para encarar tanta coisa e a experiência dos outros.

Todos estes conhecimentos me levaram a poder assistir à minha mãe na sua desdessa com mais informação, em 2004.

Do livro “Nossa Evolução” do Professor Waldo Vieira, extraído da contracapa o seguinte:



“O livro tem um enfoque profundo, objetivo e prático. Indica como otimizar esta vida, e mais que isto, como preparar a próxima existência.” O foco do Professor é a evolução da consciência, do nosso mundo interior.

O desenrolar da nossa evolução é milenar. Vida após vida, acumulamos inúmeras experiências e conhecimentos que resultam o que somos hoje: consciências complexas, plenas de nuances.

“Não é por acaso que temos determinada família ou amigos. Também não é a Lei do Azar que determina ou dita quando temos que nascer e o que iremos realizar nessa vida. Antes do nascermos, ainda na dimensão extrafísica, podemos nos preparar e planejar os objetivos da próxima existência.”

Não é uma boa notícia? e continua dizendo:

“Se somos nós mesmos os que construímos nossa escalada evolutiva, subindo cada degrau e somos nós que subimos cada escalão, por que não imprimir um ritmo mais ágil e lúcido em nossa evolução?”

Boa pergunta, não é? Adorei este livro, não tem desperdício nenhum.

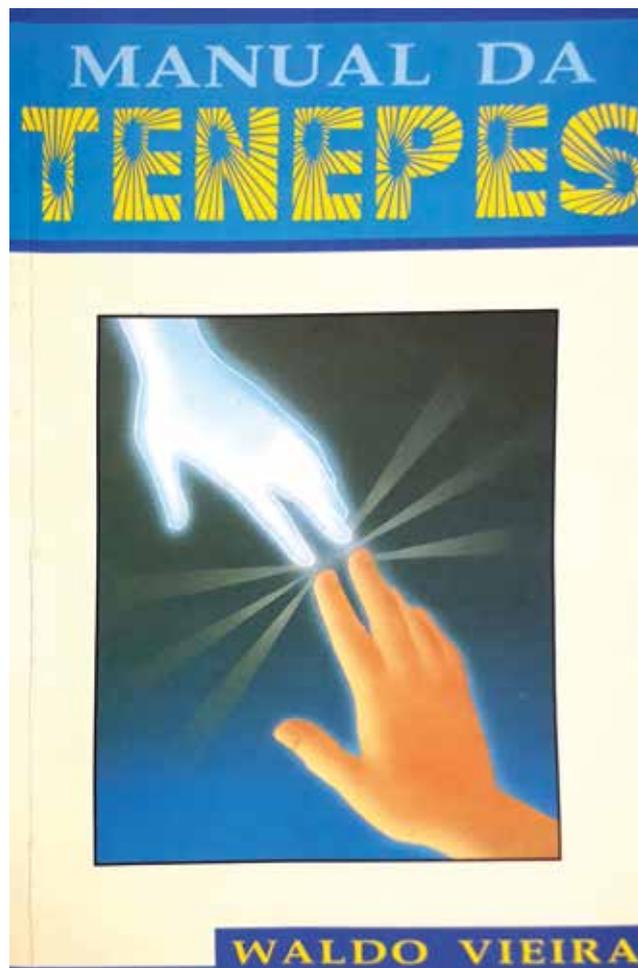
VOLUNTARIADO

Antes do início do I FIC-II CIPRO em Barcelona, comecei a voluntariar, na unidade da Conscienciologia, em Madrid. E continuei até vir para Brasil no dia 29 de Dezembro de 2009, para a virada do ano. Que bom, não é?

TENEPES

O Professor Waldo Vieira esteve na Espanha em 3 momentos significativos para nós. E nos transmitiu a necessidade grande de assistência deste planeta. E senti uma angústia muito grande com essa chamada, e comecei minha tenepes, em 06 de Dezembro de 1999, dia da Constituição Espanhola, e pensei, que esse dia seria um gancho para eu não esquecer meu compromisso multidimensional.

“Tarefa energética pessoal é a transmissão de energia consciencial (EC), assistencial, individual; programada em horário diário, da consciência humana, auxiliada por amparador ou amparadores; no estado da vigília física ordinária; diretamente para consciexes carentes ou enfermas, intangíveis e invisíveis à visão humana comum; ou conscins projetadas, ou não, próximas ou a distância, também carentes ou enfermas (livro do Prof. Waldo Vieira)



Algumas **frases enfáticas** que foram impactantes na época para mim:

“A PRÁTICA DA TENEPES É PRESTAÇÃO DE SERVIÇO ENERGÉTICO – ASSISTENCIAL NÃO REMUNERADO.”

Comentário: temos alguma outra tarefa melhor para fazer, do que tentar assistir da melhor forma possível os outros que esperam milênios por uma ajuda? Gente... milênios. Para mim, sem saber se minha tenepes poderia ser melhorada, (com certeza penso que sim pode ser melhorada), e uma honra. É o melhor trabalho do mundo poder estar em condições de assistir e que o assistido possa superar alguma coisa e sair do “buraco”.

“A TENEPES EXIGE DO PRATICANTE NÃO PENSAR MAL DE NINGUÉM.”

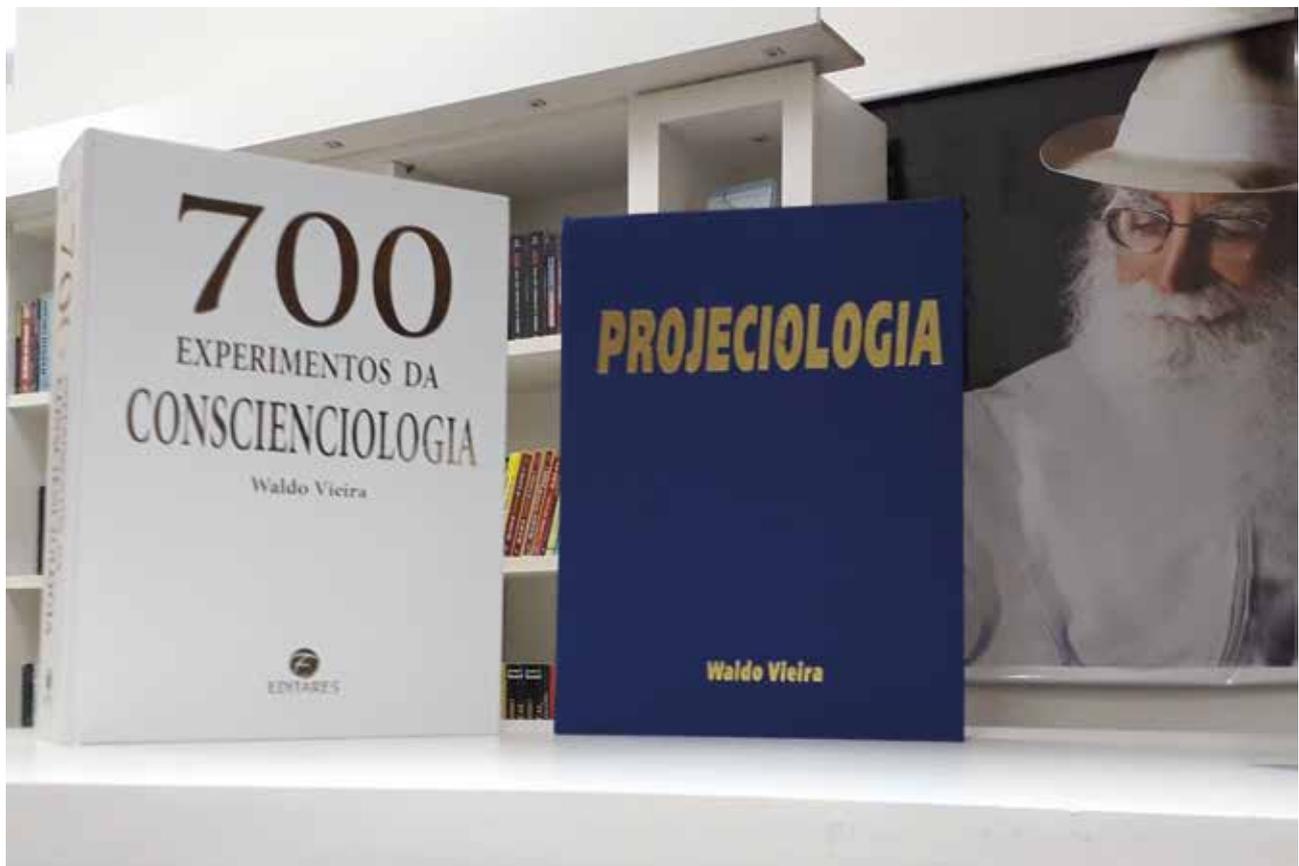
Comentário: parece simples, mas não é. No meu caso, tenho uma dificuldade que estou trabalhando de não julgar as pessoas pelos comportamentos. Tenho de parar, pensar, e dizer, quem sou eu,

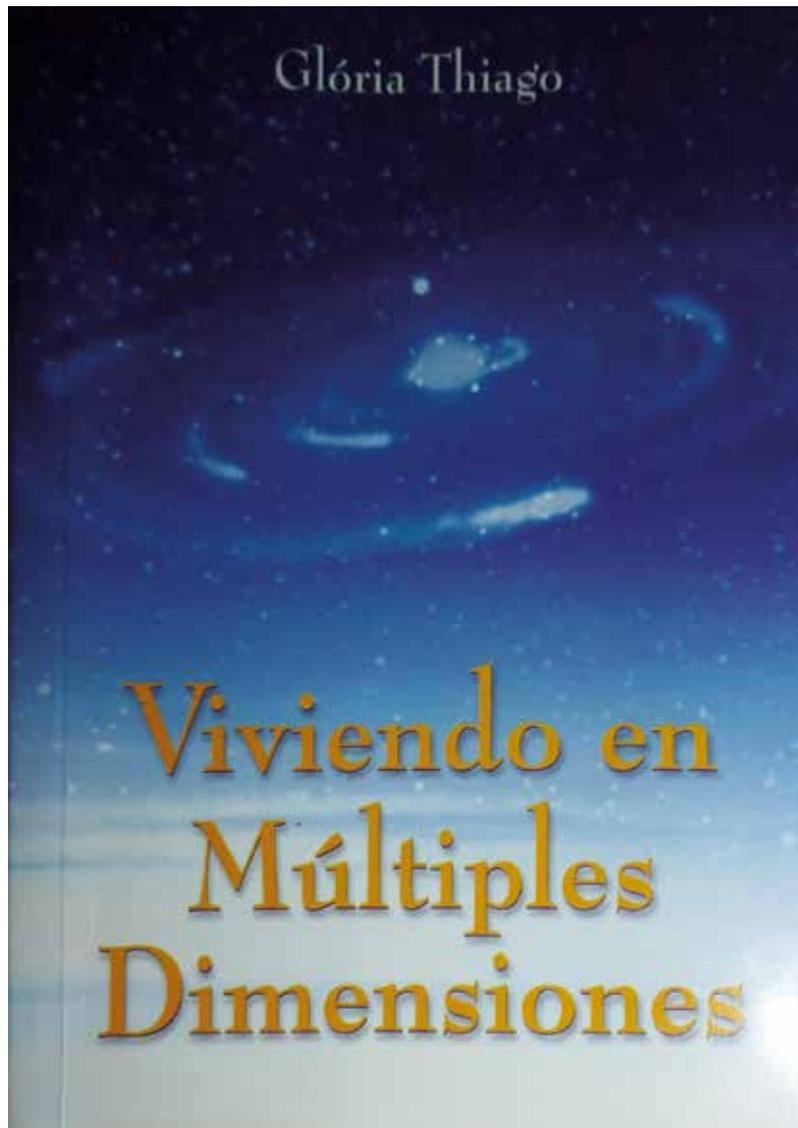
para não julgar ninguém. Cada um é responsável por si mesmo, e temos que ter “coragem” para deixar cada um em seu lugar, seja este o qual for, sem expectativas, críticas ou fiscalizações. Escrevi esta frase no meu escritório de casa, no dia 12 de abril de 2015, e ainda está na parede. Preciso fazer muito trabalho intraconscencial, mas estou me esforçando. Não é uma boa notícia?

CONSCIENCIOLOGIA

A Conscienciologia é a Ciência que estuda a consciência completa, integral, considerando todos os corpos – físico, energético, emocional e mental –, contempla a seriéxis, épocas e lugares de vida (intra e extrafísica), em uma abordagem integral, projetiva e autoconsciente em relação às diferentes dimensões existenciais.

Os dois tratados são bem interessantes e foram escritos pelo Professor Waldo Vieira. “Proje-ciologia” é uma visão ampla das experiências da consciência fora do corpo humano, e os “700 Experimentos da Conscienciologia” são indicações para experiências pessoais, técnicas, teáticas para ser pesquisadas, criticadas, procuradas e compreendidas para a consciência amadurecer e evoluir.





Segundo Glória Thiago, na contracapa de seu livro *Viviendo en Múltiples Dimensiones*, diz:

“Uma inteligência predisposta à verdade, atenta à ampliação do conhecimento, particularmente a abertura da visão de características humanas ainda não sonhadas pela maioria, mas já disponíveis para os que empreendem o caminho do autoconhecimento, e estão preparados para atuar em multiplas dimensões.”

Comentário: o desenvolvimento do parapsiquismo é importantíssimo para interagirmos, tanto no intrafísico como no extrafísico, e poder ter projeções lúcidas e assistir, nos comunicarmos com os amparadores, tanto o de função como aquele que nos acompanha em nossa assistência nesta vida, e dar maior qualidade a essa assistência por estar conectado com nosso amparador, e com a Baratrofera, onde também temos que resgatar consciências com as quais contraímos débitos, do passado, de outras vidas e, possivelmente, desta também. Sem parapsiquismo de qualidade é difícil ser útil ao Cosmos.

Uma frase enfática que fez pensar muito foi a seguinte:

**“NINGUÉM RECEBE DETERMINADA MÃE NEM DETERMINADO
PAI DE GRAÇA. EXISTEM LAÇOS PROFUNDOS ENTRE AS
CONSCIÊNCIAS QUE EVOLUEM JUNTAS.”**

Esta frase me deu muito a pensar, e me lembro, que observava meus pais de forma distinta, pensando em primeiro lugar, que eu tinha um débito com eles, por terem me dado a vida. Algo muito precioso, ter uma experiência com mais maturidade, descortinando muitas coisas tão interessantes, tão profundas, esta vida tem um alcance precioso, onde podemos nos reconciliar e pedir perdão por nossas deficiências e fraquezas.

MINHA PRIMEIRA VIAGEM AO BRASIL

Eu tinha muito interesse em conhecer o epicentro da Conscienciologia. Assim, viajei para Foz de Iguaçu, em 2000, quando ainda não havia tudo o que hoje está construído. Foi uma experiência muito gratificante: realizei atividades programadas, fui a Porto Alegre conhecer a Zuleika, que tinha um instituto chamado Unimundo, onde trabalhava como terapeuta. Em São Paulo, conheci a Zenaide, também psicóloga.

SEGUNDA VIAGEM AO BRASIL

Em 2006, aposentei-me da função no Ministério de Educação, aproveitei a situação e fui novamente para Foz do Iguaçu, no Brasil.

O fato de ter tempo suficiente para pensar, sem pressa, foi bom. Falei com Waldo Vieira sobre minha ideia de me mudar para Foz. Ele fez considerações e perguntou se eu estava deixando tudo em ordem na Espanha. Falei que sim, e me disse, então, “seja bem-vinda”.

Vendi meu apartamento numa época economicamente difícil na Espanha. Levou 3 anos até eu conseguir organizar tudo. Comprei um terreno com o Moacir Gonçalves no condomínio “Campo dos Sonhos” e construí uma casa muito bonita no bairro Cognópolis.

TERCEIRA VIAGEM A FOZ DO IGUAÇU - COGNÓPOLIS

Quando vendi o apartamento, foi tudo bem corrido, estava no fluxo. Dei uma festa de despedida para meus familiares e amigos e, com meus dois gatos e um pássaro que resgatei em Madrid, uma cotorra de peito cinza (originária da Argentina), fui para Foz do Iguaçu.

Comecei a construir minha casa de madeira dupla, a mais natural possível. Em praticamente 4 meses, consegui mudar-me para a casa ainda não terminada. Waldo Vieira ficou surpreso com a rapidez da construção.

Aliás, fui intercalando os Cursos da Conscienciologia que não existiam na Espanha com o acompanhamento de perto da construção da minha casa.

Mas minha primeira prioridade foi fazer consciencioterapia.

CONSCIENCIOTERAPIA



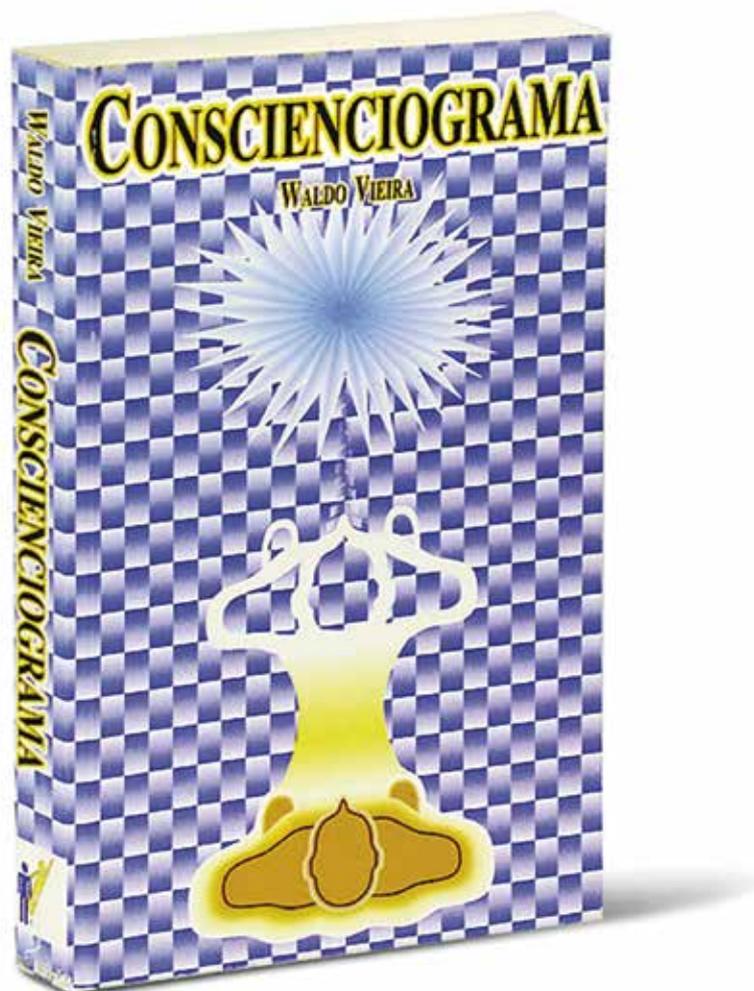
OIC (Organização Internacional de Consciencioterapia)

Fui evoluciente por um ano e meio. Consegui entender algumas coisas de minha intraconsciencialidade e iniciei uma reciclagem bem profunda. A partir disso, voluntariei na OIC por quase 3 anos.

CONSCIENCIOMETRIA

Participei de todos os cursos da CONSCIUS (Associação Internacional de Conscienciometrologia Interassistencial).

Fiz a formação para atuar na função de conscienciômetra e voluntariei na Consciuis durante 3 anos. Até 2016, o que mais me interessou foi vivenciar a condição de conscin-cobaia. Essa foi outra etapa na qual a reciclagem foi muito importante.



A Consciencimetrologia é a especialidade da Conscienciologia aplicada ao estudo da métrica ou avaliação técnica parametrizada da consciência poliédrica, multifacetada, holossomática, multidimensional e pluriexistencial, sendo o Conscienciograma o seu principal teste de avaliação existencial.

O livro Conscienciograma é o maior teste já publicado para a autoavaliação e mensuração da personalidade humana. Considera a consciência a partir do paradigma consciencial, levando em conta sua realidade parapsíquica, bioenergética, de múltiplos atributos e como sendo o resultado de milhares de vidas humanas pregressas.

Comentário:

Foi uma experiência interessante, mas penso que, conceitualmente, é impossível avaliar a consciência poliédrica, multidimensional e pluriexistencial. Na condição do maior teste da personalidade humana foi bom. Gostei muito das inúmeras oportunidades que tive de disponibilizar-me para ser sorteada e poder vivenciar o papel de conscin-cobaia.

ESTUDOS DE CONSCIENCILOGIA NA COGNÓPOLIS

Particpei de diversos cursos de Conscienciologia, uma longa lista de atividades. Com todos eles aprendi e experimentei, como diz o Princípio de Descrença.

“Não acredite em nada,
nem mesmo no que lhe informarem neste curso.

EXPERIMENTE.

Tenha suas experiências pessoais.”

Hoje sincronicamente, dia 30 de junho de 2018, foi debatido no Círculo Mentalsomático o “Princípio da Descrença”.

Foi dito: “um dos objetivos primordiais do princípio da descrença é eliminar o apriorismo”. A crença é instintiva. A Autodescrenciologia é transafetiva. Elimina primeiro a dogmática religiosa sobre a conscin lúcida.

Imagens lindas da Cognópolis



Caminho no CEAEC



Tertuliarium

Não posso deixar de indicar, que os cursos de longa duração que foram defendidos em primeiro lugar pelo Professor Waldo Vieira, e depois por voluntários da Conscienciologia, não têm preço, são aulas vivas, experiências pessoais, pesquisas incríveis, temas impressionantes da maioria dos cognopolitas, mas vieram de muitos lugares do mundo, tanto europeus, como brasileiros, espanhóis, franceses, ingleses, italianos, árabes, argentinos, paraguaios, portugueses, gente de América Latina, enfim, internacionais, como o nome desta Revista.

Defendi no *Tertuliarium* 3 verbetes da “Enciclopédia da Conscienciologia”: Conscin Obesa; Mudança de Paradigma Alimentar; e Experimentação Gastronômica, e vou defender, em breve, meu quarto verbete: Imigrante Cognopolita. É uma boa notícia, não é?



Vista na Aleia dos Gênios



Outra vista maravilhosa



Laboratório da Sinalética



Aleia dos Gênios



Sinalização para *Encyclossapiens*

E para finalizar, um *selfie* na minha casa na Cognópolis.



A autora do relato

Mercedes Luiña Martínez. Psicóloga pela *Universidad Complutense de Madrid* (1978), especialista em Orientação Pessoal, Vocacional e Educativa, mestre em Psicologia (1980). Voluntária da Conscienciologia e tenepessista desde 1999. Docente de Conscienciologia pela *Reaprendentia* desde 2012. Verbetógrafa e mantenedora dos Laboratórios do CEAEC desde 2016.



VIVER NA ESPANHA

Malu Lindemann

Alguma vez, você já atribuiu uma grande mudança interna ao fato de se mudar de país?

Pois comigo, aconteceu algo assim. Vinha vivendo entre África, França e Portugal, quando nos mudamos para Espanha. Não é preciso dizer que a própria adaptação já é uma mudança na vida de alguém, mas me refiro àquela devida às transformações existenciais profundas.

Chegamos em Madrid em agosto de 2011. O calor inacreditável superou minhas experiências cariocas e africanas. Os rapazes da mudança subiam e desciam móveis pelas escadas e diziam com os rostos suados: - “Vocês vão ver, Madrid tem duas estações, inverno e inferno”. Abri um olho desse tamanho. Nada simpático de ouvir isso quando se é recém-chegado. Embora a sensação térmica fosse insuportável, o grau de motivação era muito positivo e rapidamente a casa ficou pronta com os devidos buracos na parede segurando os quadros (*home made*) com as histórias da caminhada familiar.

Ao sair pelas ruas para encontrar um restaurante, captamos os primeiros aromas da vida madrilenha. Curioso era a quantidade de bancos nas calçadas. Logo percebemos que as pessoas não ficavam em suas casas, devido ao calor, se reuniam sentando nos bancos, entre amigos, passeando seus idosos e investindo no encontro dos animais domésticos. As sombras das árvores tinham lotação esgotada e isso chamou bastante minha atenção. Aquele cheiro de vida e convívio me encantaram de primeira vista! Nesse dia mesmo, olhando o termômetro que marcava *oito por cento de umidade relativa do ar*, alguém comentou “a mesma umidade do deserto do Saara”. Tudo certo, a África e eu já éramos colegas!

Como de hábito, me apresentei aos meus novos vizinhos. Sempre valorizei muito, desde minhas primeiras viagens, a questão da vizinhança. Ao meu ver, é nossa principal equipe de apoio, peça chave no enredo da vida cotidiana. Afinal, em qualquer hora do dia ou da noite, basta um par de minutos para estarmos um na casa do outro. Nada mais tranquilizador e assistencial. Contei que meus filhos tinham um grupo musical e que os encontros poderiam ser animados. Enfim, fiz uma introdução diplomática com a intenção de dizer que “haveria barulho”. Além disso, íamos viver em casas geminadas e não queria que as pessoas fossem pegadas de surpresa. Para minha surpresa, um casal de vizinhos mais idosos me respondeu “no te preocupes, la música nos gusta mucho y además animará la residencia!” Essa foi a primeira vez que senti algo curioso nessa expressão corriqueira em Madrid, “no te preocupes”. Me perguntava se as pessoas eram assim tão flexíveis.

Percebemos, todos, uma grande diferença na atmosfera da cidade quando comparamos à nossa moradia precedente, Bordeaux, França. Em primeiro, e mais impressionante, era o intenso e frequente azul do céu. Uma luminosidade radiante nos convida a olhar para cima, perseverar. A seguir, vimos que a vida começava mais tarde, os colégios, faculdades, comércios, as *movidas* noturnas. Jantar às 2h

da manhã é totalmente possível! Tudo isso crescido da maneira expressiva e comunicativa dos madrilenos, cheios de uma alegria de viver. Costuma-se dizer “si estás en Madrid, eres madrileño”.

Para me referir a alguns dados estatísticos sobre a Espanha, há dois deles que me impressionaram e acabo por comentar. O primeiro é que esse país toma o segundo lugar da Europa na consumação de cocaína e quarto em cannabis, dentro da Europa. De fato, alertaram-nos que é frequente a consumação de drogas nas escolas privadas de Madrid. A seguir, o fato que me deixou bastante surpresa é que os espanhóis são o povo com maior possibilidade de receber um transplante. A boa organização do sistema de saúde permite beneficiar rapidamente os pacientes necessitados da doação de um órgão. Bom, é somente uma curiosidade!

Meu contato com a nova rotina de vida foi se aprofundando por variadas frentes, vizinhos franco-espanhóis, proprietário andaluz, galerista basca, colega das Astúrias, os vizinhos catalães, outro da República Dominicana, do Chile ou uma faxineira do Equador. Os imigrantes formam grande parte da população local e apesar dos diversos problemas de desemprego, imigrações indesejadas, corrupções políticas, as pessoas são espontaneamente acolhedoras, falando alto e contando todos detalhes das suas vidas. Talvez, por essas razões, o brasileiro, de maneira geral, se adapte muito bem, é como ter a alegria e hospitalidade do povo brasileiro, mas no velho continente.

Depois de toda família adaptada às suas novas atividades, fui em busca do meu grupo: os artistas, as galerias de arte, os museus, os professores de arte, as escolas de performance. Ao conviver com eles, passei a ousar mais, a dizer alto e claro o que pensava e como percebia as coisas. Possivelmente, quis mudar coisas em mim, ser mais autêntica, mais coerente, ser menos repreensiva, enfim, havia no ar um desejo de mudança.

Fui repassando a autoexperiência multicultural e constatei que há países que parecem *calar nossa boca*. São pesados e carregados de normas. Para adaptar-nos, devemos nos impregnar delas e deixar de *stand by* não só nosso idioma como certos hábitos. A França é um exemplo deles, ainda que não tão radical. O francês gosta e necessita das regras de *politesse*, entre outras, do contrário, provavelmente, se estranhariam muito. Em Madrid, já faz quase 5 anos agora, sinto maior liberdade, as pessoas têm um espaço pessoal bastante maleável, se tocam e deixam-se ser tocadas com bastante espontaneidade. Uma vez, um colega que foi viver no Porto, Portugal, me disse, olhando para seu relógio: -“Em Madrid você faz um amigo em alguns minutos, aqui você pode levar uns meses”. É notável a atmosfera de cada lugar, é preciso escutá-la e entender como funciona, a seguir, sim, podemos misturar com as nossas próprias tintas. Do contrário, deixamos de aproveitar as diferentes culturas.

Há holopensenes que podem ser extremamente contagiantes tanto para positivo como negativo. Isso fica muito claro quando o tema é futebol. Não se pode viver em Madrid sem se ouvir falar das chispas ofuscantes do Real Madrid e seus adversários. Não ligo para futebol, mas o fenômeno humano de ser um “torcedor do *barçá* ou do real madrid” é uma experiência ao menos impressionante. Contagiantes também são as noitadas quentes, quando saímos depois do trabalho ou nos fins de semana, para encontrar os amigos e tomar uma bebida refrescante com uns *pulpos a la plancha*. São pontos de encontro para todo fim, os bares e terraços são parte integrante da vida madrilena. Ou ainda, se

deixar perder nas ruas de Lavapies ou no Parque del Buen Retiro com seu jardim histórico, e ouvir ser contada a história da Espanha com as heranças da invasão árabe e os reis católicos.

Pois bem, foi nesse cenário de mudança e novidades que comecei a me perguntar “E eu, para onde quero ir? O que estou fazendo exatamente?” Embora minha atividade como artista plástica me desse muito prazer e a fizesse com grande motivação, uma certa melancolia sempre fez parte dela. Conheci uma professora numa galeria de arte (Montsequi). Acabamos por trabalhar juntas. Nessa altura, eu vinha pesquisando novas técnicas de exposição artística (mais interativas), utilizadas ao terminar a escola de Belas Artes em Bordeaux e preparava uma exposição. Iniciei, então, para esse fim, um trabalho de recuperação de cartazes públicos de rua. Assim como fez Jacques Villeglé nas ruas de Paris, motivado entre outras, pela falta de papel depois da Segunda Guerra Mundial. Acredito que essa atividade de apropriação e transformação de cartazes de rua, inconscientemente, me trouxe uma necessidade de estar com os outros, com o povo das ruas. Identifiquei uma chamada à vida social e sua realidade. Aos poucos, esse sentimento foi se tornando um grande incômodo, uma enorme tristeza, uma sensação de que estava fora do meu papel, de que poderia fazer mais. Um certo desespero foi tomando conta de mim.

Com o tempo, vi que chegava num impasse; ou precisava de mais força para manter minha maneira de ser ou tudo aquilo era um indício da necessidade de romper a bolha, uma desopressão. Além de tal desconforto, as incertezas de como agir, que se soma às vertiginosas mudanças tecno-científicas e de valores, me colocavam estranhamente face a face mim mesma.

Claro que amadurecemos segundo nossas experiências e tais transformações podem ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar. Não obstante, o vigor desse idioma, a espontaneidade das pessoas, a História da Europa permanentemente na minha vida alavancaram meu momento perceptivo. Como se diz em espanhol, um *percatarse*, um “se dar conta” da própria realidade. Provavelmente alguma intervenção extrafísica conseguiu tocar-me profundamente.

Relacionando meu estado também a um compromisso com parapsiquismo desde mais jovem, resolvi procurar um centro espírita em Madri. Encontrei León Denis e marquei uma visita. Não correspondia exatamente ao que buscava, pois já havia estado em outros centros espíritas no Brasil. Porém não sabia que outra “coisa” procurar. Nesse meio, impulsionada pela vontade de encontrar algum ponto de partida, descobri pela internet a palavra *pensene* e *consciencioterapia* e os nomes Nário Takimoto e Cristina Arakaki. Dizia a mim mesma que essa consciencioterapia era exatamente do que eu precisava. Não fui ao centro espírita. Queria saber mais sobre aquelas palavras. Comecei a assistir uns vídeos onde um senhor de barba branca falava. Meu filho, de 14 anos na época, me criticava dizendo “você agora só fica aí vendo esse mago Merlin”. Só sei que tudo começou a mudar. Teria sido por essa energia de doação criada pelo trabalho desse senhor barbudo que era médico, pesquisador e lexicógrafo, professor Waldo Vieira?

Voltando às transformações na minha profissão, movida pela ideia de ir em direção ao povo (tal qual como ouvia minha cabeça dizer) anulei os preparativos da minha exposição, guardei os pincéis, telas e tal. Fiz uma lista de tudo que sabia fazer, os idiomas que falava, os lugares onde vivi, tudo que

já havia conquistado. Cheguei à conclusão, como operação de resgate de mim mesma, que deveria utilizar a arte como um meio, não como fim. Matutei por uns dias e decidi fazer psicologia, quem sabe arteterapia. Era preciso impregnar meu holopensene com outra metodologia, com o conhecimento científico, do contrário a mudança seria oca.

Decidi entrar num concurso para a Universidade Autônoma de Madri, uma universidade pública espanhola. Evidentemente, o projeto de fazer uma graduação só poderia ser viável se eu integrasse um sistema de ensino público, já que as finanças eram para as universidades dos dois filhos adolescentes. Assim foi. Hoje, depois de grande esforço de reciclagens, com ajuda dos estudos contínuos, das ideias das Conscienciologia refletidas junto às Tertúlias Conscienciológicas online, sei exatamente o que estou fazendo e para onde quero ir. Já no final do 2º ano de Psicologia tenho a oportunidade de conhecer a juventude universitária espanhola nesse início de 2018, assim como fazer efetivamente parte do I Encontro de Intermissivas na Europa, que ocorrerá em novembro deste mesmo ano, em Strasbourg, França.

Para concluir, tendo a pensar que o holopensene dessa cidade e o momento de maturidade pessoal criaram um belo sinergismo ampliando minha lucidez. O bem-estar que a vida neste lugar me promoveu foi decisivo para que pudesse me permitir experimentar coisas novas sem os velhos conceitos anacrônicos. O mais interessante é se dar conta disso tudo num país como a Espanha, cuja herança religiosa é tão pesada. Mas bom, essa é outra história!

Preciso dizer que não faz muito tempo, ter uma religião para mim era algo certo, necessário. Ainda que estivesse sempre em busca de qual delas seria melhor adaptada aos meus valores e experiências. Hoje vejo que estava enganada. Não podia imaginar que fosse possível falar de mediunidade, de espiritualidade, vidas passadas, sem estar associado a alguma religião. E é essa toda a força dessa neociência Conscienciologia. A espiritualidade se refere a uma capacidade intrínseca ao ser e descortina habilidades que por muitos séculos deixamos na mão das religiões. Como dizia Pierre Teilhard de Chardin, “não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual. Somos seres espirituais passando por uma experiência humana.”

Malu Lindemann, Maria Lucia Simone Lindemann (1967). Criação de empresa familiar autodidata para editoração de livros e manuais. Estudo de Engenharia Química pela UFRJ (incompleta). Graduada em Francês pela Université Michel Montaigne III. Formação artística pela “École de Beaux Arts de Bordeaux”, França. Graduanda em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid (2018). Brasileira, natural de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, MG; voluntária da Conscienciologia desde janeiro de 2014, tenepessista desde 4 de julho de 2018.

INVERTOR EXPERIENCE IN FINLAND

Melanie Messner

When I meet conscientiology researchers, I am often asked about my experience as an Invertor in Finland. Even though I should already have enough experience to respond to that question, the answer is not simple and straight forward, because the experience of an Invertor (and any Conscientiologist for that matter) is always multifaceted, multidimensional and multiexistential. In order to share my experience in Finland, I need to firstly talk about my experience in Europe and also my experience in the intermissive course that led to this moment in time. My experience in Finland is a snapshot in time and is the result of many other prior occurrences. Let me take you on a multidimensional journey, that led me half around the world.

I resomated in Vienna, Austria in 1991, and grew up in a small village in the country-side. I didn't have any parapsychic experiences as a child, I was quiet, shy and mostly kept to myself. I somehow didn't feel that I belonged with the other kids and didn't share their interests. However, my mother's interest in ghost stories and paranormal phenomena started fascinating me from an early age. At the age of 12, during a bad phase of violent bullying in elementary school (as I simply could not fit in with the others), I started developing a deep fondness for and longing to move to Finland. It was hard to explain to anyone, but looking at the pictures and the landscapes of that country made me feel safe, like it was my home. So, a 12-year old Melanie told her parents that she'd move to Finland when she was grown-up. During the recovery phase of the bullying experiences a distant relative introduced me to the law of attraction with the book "The secret". I read the book in one evening and was absolutely fascinated by the concept of bioenergies. One book led to another book and started my quest to find out more.

During my teenage years I had my first OBE's and retrocognitions, which I only could identify later on through my research. My first lucid OBE happened when I was 15 after I had found a simple relaxation technique online. That experience changed my life but also caused sleep paralysis, which at that time frightened me too much to continue. At 19 years of age I finally moved to Helsinki and "fulfilled my life's dream", which felt fantastic at first but which very quickly put me into a very early identity crisis. So, I had fulfilled my life's dream, at 19. What should I do now? That couldn't have been it? Feeling that my mission was spiritual in nature I again turned to books, I read and read until that one day, when I finished William Buhlman's "Out of body" book. It removed the fear I still had from my experiences with sleep paralysis. In that moment I closed the book, I looked up into the blue sky and saw aero-energy sparkling around me and had only one thought "I am ready". I didn't know for what I was ready, but I knew my fear was gone. That same evening, I googled out of body training in Helsinki and sure enough one week later a bioenergy workshop and introductory lecture of conscientiology would take place not far away from my location. I contacted the teachers and immediately signed up for both.

These two events changed my life and everything fell into place, all the questions I had, all the experiences from my past that I couldn't explain, made all perfect sense, the puzzle came together. After that weekend I knew that I was an Invertor and that my journey had just begun. One synchronicity happened after another and I participated in the basic course in London that same year, the advanced courses the next. I started volunteering and my life started flowing faster and faster, a feeling that would later be identified as the cosmic flow. My first lucid retrocognitions quickly came and shook my very identity, in a very deep but healthy way and I could change the direction of my energy from ectopic activities to positive evolutionary goals.

The shy girl with low self-esteem changed into a public speaker, and a self-confident woman within a few years. Conscientiology activated my need to continue and deepen my education and what place is better for that than Finland. I found part of my evolutionary group and I had insights about my intermissive course and about my existential program. Everything happened quickly and I worked, achieved, graduated, worked, volunteered, worked and worked and worked, ignoring the warnings of those around me that I would burn myself out in my relentless quest to achieve my goals.

As soon as I had graduated with the Finnish matriculation examination, the conscientiology teacher training and had brought my year long project of building a youth self-research and development project to an end (all simultaneously), I finally could visit the CEAEC campus in Brazil. After all the years I could finally see the physical manifestation of conscientiology on this planet, and meet other Invertors and find my group, my place within conscientiology. Even though I was exhausted I had still managed to write an article for the Invexology week and presented my experience to the other Invertors. The energies on the campus were from another world for me, I felt that I was constantly connected to a massive power generator and my head was buzzing with energy. My schedule was full with dynamics, courses, events and meetings.

The experiences there were another boost in my evolution, but once I left Brazil and headed back for Helsinki to start my studies at university, I felt my seemingly endless energy and strength running low. For four years I had operated with a constant overload, and now everything was suddenly moving very slowly. I was used to the speed of the cosmic flow, every day something new, every day something to do, every day a new insight, but now it was silent. University life was chaotic, the institution lacking money after government cuts, everyone was fighting for themselves, the community was gone. The vision of burning through university as fast as I had through the previous school dissipated into thin air, everything was too slow. I felt I wasn't doing enough and a conflict started inside me between getting rest and stability and the constant need of work, improvement and development. I had seen the Invertors in Brazil, constantly writing articles, building their campus, working on books, having their weekly and monthly meetings. I kept seeing them defending Verbetes on Youtube and I wasn't part of any of it. The doubts of the past kept creeping back, of how I felt when I didn't belong, of how convinced I was that the Invertors in Brazil must surely be my evolutionary group. But here I was, alone, back in Helsinki, struggling through the harsh winter and the doubts in my head.

Once more I started wondering where my group was, because the advice I got was "find your group, find your group, find your group". I kept looking, I kept hoping, but I didn't find anyone.

Another year passed and I returned to Foz do Iguassu, exhausted and confused. I needed answers, because I wasn't sure if I was in the right place anymore. I was wondering if I did something wrong, where were the synchronicities? Where were the people? Where were the helpers? What was going on? Thankfully some of the questions got answered and I started understanding that my existential program was simply a different one, that's why I was there in Europe alone for now and I need to thank Marcelo da Silva here, because he heard my questions and he very quickly proposed a theory to my problem. *The syndrome of parachronological dislocation*. As an Inventor himself, he had written an article about it years ago, which I read that same evening, confirming my symptoms. Having had anticipated so many aspects of my existential program so quickly and early throughout the past years I had realized that I had simply pushed too far too fast. I overshot the temporary finish line of that initial part of my existential program and because things had stopped happening I had feared the worst, when I simply wanted to do things that were programmed for the future and not for this moment in time. This information was incredibly helpful and calmed my conflicted consciousness. In those weeks in Foz, the helpers had incredible patience with me, answering many questions and giving many insights to help me simply settle down and be at peace with myself.

I returned back to Helsinki, still tired and exhausted from the inner conflict, but with hope this time. Another winter passed and I started learning self-forgiveness, I started to learn to take care of physical reality the same as I took care of my existential program. Both things are important and it is typical for Inventors to just push on to their goal because it's in the nature of the technique to reach goals quickly and effectively. I started forgiving myself that I wasn't as productive in terms of publishing articles, books and verbetes as the Inventors in Brazil, because I simply had very different challenges here. I'm still an Inventor, but my situation in Europe, and specifically Finland, is simply different.

Finland is different in many ways, historically, energetically, extraphysically. Finnish society and culture very much supports the development of the mentalsoma, knowledge is everything here. In a country of 6 million people, around 90 million books are borrowed from the public libraries per year. Finns are very innovative: there is a problem and something is done to solve it. Finland is progressive, open-minded, pragmatic and solution oriented. People here are highly educated, almost everyone has the matriculation examination and about 50% go on to university. Additionally, Finland is one of the most important Start-up hubs in Europe. Because of a relatively "blood free" history, this country is free to go forward, to find its own identity without having to recycle centuries of holokarmic interprisons.

However, any coin always has two sides and I got to know these two sides intimately over the 7 years I've been living here. Balance is not one of the strengths of this country, so either things are ignored or they are "overdealt" with. Even though the mentalsoma can go almost free here and you can read all the books you wish, you can have all the education you want, you can visit all the libraries you want, the psychosoma gets severely repressed. Finnish people don't deal with emotions and they prefer not to express them. Based on their century long experiences in the harsh winters with very small harvest, emotions were useless for survival, only logical thinking and pragmatism were useful and accepted, and this continues to this day. Here you have to be perfect, because making a mistake can be

the most terrifying situation a Finn could possibly encounter. People don't dare to stand out, it's better to keep quiet than to speak, don't bother anyone, keep to yourself, don't complain, don't step out of line, no one is special, people don't talk to one another, don't share their feelings to one another. Just do your thing, keep quiet and don't make mistakes. We can see Jante's law here in action, something that might bring peace one day to a healthy and mature society but can do a lot of damage in an immature one. After years of observing this behaviour and studying Finnish culture my theory is that the severe repression of emotions causes the high suicide rates, and the high rates of depression and alcoholism in this country. And the flipside to heavy innovation is that people start doing things because they can and don't stop to think about the potential harmful consequences of these innovations.

The living standard in Finland is very high, but so is the cost of living. For a young person, an Invertor in this case, who moved here without family, it is very difficult to establish a stable intraphysical life, a good steady income, to continue with studies, volunteer at the same time, save for early financial independence and not accumulate any debt in the process (like an ideal Invertor, according to the book). It is more feasible to do either one thing or the other, trying to meet too many commitments simultaneously destabilizes one's living situation. It is incredibly difficult and a very, very delicate balancing act of cosmoethical decisions, 24 hours per day, every day of the week. Additionally, to that, as a foreigner in this country, even though my Finnish is fluent and I have good work experience, it is much more difficult to find a job than for a Finnish person. Even though this country is more progressive than others, discrimination still exists. An Invertor who is by nature already more prone to the Foreigner's Syndrome has an even greater risk of feeling like a stranger in a society that is so very different from his or her mesology.

That being said I would like to do the same analysis about Austria, my country of resoma. After years of researching conscientiology and myself as a consciousness, as well as countries' cultures, history and societies, I started understanding why I needed to go to Finland to develop and be free to discover the ideas of conscientiology. Because one might ask, wouldn't it be easier to stay in your own country to face the challenges of Inversion? I needed a lot of distance, history lessons and extraphysical insights to put together the real, multidimensional image of Austria, the small, unimportant country in the heart of Europe. Austria used to be immensely influential and one of the biggest empires of Europe before World War I. Austria triggered World War I and we know that Hitler was an Austrian who triggered World War II. Additionally, Austria has always been under heavy roman-catholic influence and still is to this day. All of this contributed to the extraphysical and energetic environment that persists in Austria today. A pathological clinging to its glorious past of monarchy and power, the blood and karma of millions of people killed during the world wars, the century long roman-catholic repression have left their marks on this country and its extraphysical environment. A country that is heavily concentrated on the psychosoma and emotions of superiority, repression, guilt and pride, having been part and caused two world wars is not free and not prepared to develop ideas of conscientiology. And this is why I had to leave to the country for a more open one, freer from karmic relationships of the past so I could discover, and develop, leading edge relative truths and develop my cosmovision.

My personal research and experiences also helped me to understand that I had programmed and planned to go to Finland in my intermissive course, I was extraphysically well aware that the move

to another country was the immediate set of goals to facilitate a quick lucid connection to conscientiology. And so it happened.

Inversion in Europe is very different from Inversion in Brazil, resources have to be managed differently, other kinds of decisions have to be made, different kinds of priorities set, another kind of assistance is needed. While the basic guidelines of the Inversion technique still apply and are helpful, Inversion in Europe is a very different experience. Here we don't have daily dynamics, tertulias and monthly field courses. Here there are no daily lunches with evolutionary colleagues or Friday Pizza days to get together. Here, there is no campus to build....yet. There are no institutions that regularly hold courses and workshops, no new books to read, no Holotheca to study in. Here, "a stable life" means being able to pay your rent and your bills and not get in debt, here you miss your family and friends and long for an evolutionary group that is yet to come and resomate.

Inversion here is:

- to be patient, to simply stay strong and to stand your ground.
- to brace the storms of counterflow and extraphysical pressure and say "I won't give up".
- to have the occasional Skype meeting with a friendly colleague from the campus to exchange experiences with.
- to have cosmoethics of steel and to not give in to the consolation task.
- to know, even in the difficult times, that we are not alone, that we are connected and that there is a reason why I am here in this moment and that my assistance is needed.
- to wait to be ready when a connection somewhere can be made, to be ready to donate a copy of Our Evolution to a library, to do assistance wherever needed.
- to be the astronaut on another planet, being in contact with Houston to fulfil your mission. (For anyone who has seen "The Martian" with Matt Damon, that's how it feels sometimes.)
- to forgive yourself.

Six years of self-research and development and the immeasurable help of extraphysical and intraphysical helpers have led me to my first research topic which is the "Technique of the International Paraconnector" to further understand my position here in this life on this planet and to assist and guide our dear intermissive and evolutionary colleagues that will join us in the not so distant future.

Melanie is an Invertor, volunteer and researcher since 2012 and a conscientiology teacher since 2016. She's currently studying German philology and pedagogy at University of Helsinki and works as a content producer and translator at an educational software company in Finland.



The person who says it cannot be done
should not interrupt the person who is doing it.

Chineses proverb

Trust only movement.

Life happens at the level of events not of words.

Trust movement.

Alfred Adler



interconsglobal@intercons.org

www.interconsglobal.org

www.facebook.com/intercons

Viajar: lição universalista.

Waldo Vieira



interconsglobal@intercons.org
www.interconsglobal.org
www.facebook.com/intercons



www.epigrafeeditorial.com.br
www.shopcons.com.br
Tel.: (45) 3525-0867

